

texturas⁰³

 Revista Literária da Oficina da Palavra • Julho • 2020



Troca de folhas

Contos • Crônicas • Resenhas • Poemas • Experimentos

REVISTA TEXTURAS

Oficina da Palavra Publicações

Projeto Gráfico e Diagramação:

Ítalo Mendonça

Edição e Revisão Geral:

Cyntia de Oliveira e Silva

Foto da capa:

Troca de folhas

por: Cyntia Silva

Contato:

Telefone: (48) 9 8481.0843

cyntia@ofpalavra.com.br

[instagram.com/oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook.com/ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.3 (jul. 2020) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações,

2020. 95 f.: il

“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da

Palavra (www.ofpalavra.com.br).

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia. 4. Fotografia. 5. Arte.

Sumário:

5 Cyntia Silva

Apresentação

– CRÔNICAS & CONTOS

8 Isabel Barros Braga

**Por via das dúvidas,
não uso amarelo**

10 Morena Lopes

**O tempo, o caos e o
ritmo**

14 Antonio Garcia

Carta à Mãe

18 Cyntia Silva

Finitude

22 Caio Teixeira

**Bebendo com o velho
barbudo**

24 Daniela Stoll

Na escuridão

28 Paulino Júnior

O galardão do poeta

32 Luiz Roberto Francisconi
Fuga temporal

36 Paulo Paniago
**Verdade restaurada acerca da
vida e adjacências**

38 Gabriela Graciosa
Dança, Bernardo, dança

– QUADRINHOS E SOBRE ELES

44 Galvão Bertazzi
Quarentena

48 Piu Gomes
O homem sem talento

– POEMAS E FORMAS LIVRES

54 Mariana Amorim, Ingrid Maria,
Fernanda Cerqueira, Mari Pelli,
Luciana de Araújo, Elivanda de
Oliveira Silva
Ninho de escritoras

62 Maiara Knihs
Quando se dá leite

64 Clarissa Peixoto
Amanhecer e outros

66 Claudio Schuster
Poesia para embriagar

68 Marco Faust Ramos
Fé na incerteza e outro

72 Isadora Silveira
Ninho de palavras e outros

74 Mara Bastiani
Cerejas e madeixas

76 Aline Maciel
Vai passar e outros

78 Dandara Manoela
Raiz forte e outros

82 Demétrio Panarotto
**Meu campo de concentração
privado**

86 José Isaac Pilati
Cláudio e Messalina

88 Samuel da Silva Mattos
Vinho na taça

90 Marcelo Labes
Morredouro

Apresentação

A terceira edição de *Texturas* brota em meio à pandemia do novo Coronavírus. Quarentenad@s, escrevemos, fotografamos, desenhamos, pintamos, refletimos sobre o mundo e suas desigualdades. Costuramos nossos afetos e indignações em palavras.

Este número tem cores, aromas, sons e texturas outonais. Secura, desidratação, morte, desfolhagem e poda. Enquanto não podemos circular na rua como antes, trazemos para estas páginas nossa *Troca de Folhas*.

Como sempre, não definimos um tema-guia para a edição. Buscamos perceber as temáticas e conexões - diretas ou indiretas - entre os textos que recebemos e as diversas questões que nos inquietam nestes tempos sombrios. Assim, os escritos foram entrelaçados para conectar os diálogos que há entre eles.

Seguimos publicando textos de ex-alun@s e de escritor@s convidad@s. Iniciantes e experientes compartilham de forma generosa suas palavras que destroem para construir; constroem para destruir. Morte, vida, tempo, caos, ritmo, escuridão, prisão, traição, poder, desigualdade, perda, saudade, vinho, café, escuridão, (des)-esperanças, viagem, deus, diabo, dança, estrela, máscara, mudança, ninho, fogo, água, ar, leite, vida, mãe, anoitecer, amanhecer, olhar, brincadeira, raiz, porta.

Trazemos crônicas e contos de: Isabel Barros Braga, Morena Lopes, Antônio Garcia, Cyntia Silva, Caio Teixeira, Daniela Stoll, Paulino Júnior, Luiz Roberto Francisconi, Paulo Paniago e Gabriela Graciosa.

Galvão Bertazzi publica um de seus quadrinhos quarentenais, e Piu Gomes resenha as HQs de Yoshiharu Tsuge.

O *Ninho de escritoras* compartilha textos de Mariana Amorim, Ingrid Maria, Fernanda Cerqueira, Mari Pelli, Luciana de Araújo, Elivanda de Oliveira Silva.

Marcando presença com poemas e formas livres, temos: Maiara Knihs, Clarissa Peixoto, Cláudio Schuster, Marco Faust Ramos, Isadora Silveira, Mara Bastiani, Aline Maciel, Dandara Manoela, Demétrio Panarotto, José Isaac Pilati, Samuel Mattos e Marcelo Labes.

As fotos são de Adriano Ebenriter, Simone Dalcin e Cyntia Silva. Os desenhos, de Joana Calado, Liz Bastiani Diniz e Lorenzo Panarotto.

Um dos nossos objetivos com *Texturas* é tentar conectar fazeres literários com os quais nos identificamos. Neste número, destaco algumas parcerias: *Quinta Maldita*, com Demétrio e Paulino; *Ninho de Escritoras*, com a Mari Pelli; e a *Casa Luanda*, com Dandara Manoela.

No lançamento desta edição, não conseguiremos nos abraçar em mais um sarau de carne e osso. O real virou virtual e nos encontraremos de forma reinventada, como têm feito os que vivem e respiram arte. Assim, reverberaremos estas palavras por encontros ao vivo, vídeos, áudios e textos: nossas trincheiras.

Cyntia Silva

Crônicas & Contos

Por via das dúvidas, não uso amarelo

Isabel Barros Braga. (1959 -) nasceu em Natal, mas é macauense (RN) de coração. Bacharela em Direito, aposentou-se pela Justiça do Trabalho pernambucana. Reside no Recife-PE, é casada e mãe de três filhos. Desde sempre, foi cercada de apaixonados por literatura; de vez em quando se arrisca a escrever memórias, impressões, devaneios.

Por essa época, eu tinha, mais ou menos, 08(oito) anos. Morava em um povoado que fazia jus ao nome: Estreito.

Comigo, um irmão mais novo e uma prima-José e Rita. Todos, quase da mesma idade. Éramos agasalhados por uma caridosa e muito querida tia, cuja ternura já transparecia em seu nome - Didinha e, por seu marido, o “mestre” José Monteiro.

Nossa casa, simples, como todas ao redor, era de tijolo, rebocada, sem forro no teto, de telhas vermelhas.

O pouco que tínhamos era suficiente a nos fortalecer espiritual e fisicamente.

A vida saudável que se levava fazia o tempo correr como um rio. Dia e noite se sucediam com tanta rapidez que, antes de anoitecer, o dia já se fazia claro. Essa, a impressão causada pelas brincadeiras de criança, tomando banho no rio que passava ao largo; correndo pelo mato; subindo em árvores, de onde vinham mangas, pitombas, cajus, siriguelas, juás, jabuticabas e jacas, maiores responsáveis pela saciedade dos três primos. As risadas se perdiam, levadas pelo vento que atravessava, em lufadas, o Estreito, fazendo-o mais largo, minimizando o calor que maltratava o sertão.

A vida, levada assim, folgadoamente, onde qualquer sombra de tristeza cedia lugar à alegria, não nos preparou para o que se avizinhava. Não foi suficiente para impor resistência ao “mal do século” que se instalava no nosso mundo. E era tão ruim, tão assustador, tão forte, tão onipresente, que possuía várias alcunhas, como para estar sempre pronto, na espreita, e não ter desculpas para não chegar, acaso esquecessem do seu nome. Assim, se fez com vários: impaludismo, paludismo, malária, coisa ruim, maleita, febre terçã, além de tantos outros, sendo, o mais cruel, a própria MORTE.

Sorratamente, foi se instalando em todo o povoado. Não podendo ser diferente, também na nossa casa.

A “danada”, sem pedir licença, entrou pela porta da frente e custou a sair pela dos fundos.

Ninguém sabe como apareceu. Penso que o vento amigo, que até então servira de alento, tenha trazido, no seu sopro, a “maldita”.

O certo é que nenhuma casa foi poupada. Mais cedo ou mais tarde, todas padeceram.

Havia aquelas em que não sobrava viva alma em

pé, sequer para fazer um chá com o que se pudesse aplacar os ardores da febre.

Foi por conta desse cenário que a menina, prematuramente, começou a entender os múltiplos significados que as coisas podem ter.

Objetos tão simples, que faziam parte do seu cotidiano, possuíam mais de uma utilidade, muitas vezes antagônicas, cruelmente discrepantes.

O maior exemplo aconteceu com a rede. Até então, havia sido somente símbolo de alegria. Era ela que descansava o corpo cansado da menina, ao final do dia; que embalava os sonhos mirabolantes que povoavam a sua imaginação. Também era o alvo de balanços altíssimos, equivalentes aos voos mais longínquos dos pássaros, porque com aviões ainda não se sonhava.

Agora, a mesma rede servia de amparo para o corpo doente, invadido pela peste que tomara conta de toda a gente.

Deitada, no escuro interior da casinha, com os olhos grandes e amarelados, tanto pela doença quanto pelo remédio que lhe fora administrado para combatê-la - ATEBRINA -, a menina olhava a rua com um misto de tristeza, esperança e pavor.

Via as redes, iguais à sua, passarem por sua janela, carregadas por um cortejo de rostos tristonhos, levando os entes queridos que haviam sucumbido na luta contra a malária.

Concluiu, a menina, que a rede, de tantas alegrias, era, também, mortalha, caixão para defuntos, última morada.

E torcia, rezava, fazia promessas a todos os anjos e santos, para que não desfrutasse, ela, desse significado.

Sendo atendida em suas preces pôde conhecer, também, o duplo sentido que a doença alcançou.

Aquela que era o prenúncio da morte, começou a servir como desculpa para se viver.

Explica-se: ATEBRINA, o remédio, surtia uma cor amarelada nas pessoas, acentuando, dessa forma, uma das características do paludismo.

Com a segunda guerra mundial já em curso, o remédio começou a ser utilizado, pelos homens do vilarejo, para ficarem amarelados e, assim, fugirem à convocação do Exército.

Foi então que ATEBRINA, que até àquela época era associada à tristeza, passou a produzir felicidade.

De igual forma, a cor amarela também passou a ter dois significados: MORTE e VIDA.

Por tais razões é que, por via das dúvidas, até hoje, a menina de outrora não se veste com tal cor. ¶

*Texto escrito em 2 de janeiro de 2009, baseado em fatos contados pela mãe da autora (Teresinha Maia Barros) a ela durante uma viagem à Macau-RN.



“O pássaro azul”.

Desenho em carvão, colorido em pastel de óleo sobre tela.

Por Joana Calado. Florianópolis/SC, 2020.

O tempo, o caos e o ritmo.

Morena Lopes. (1984 -) *Gaúcha de Porto Alegre-RS, viveu em São Paulo e mora há 5 anos em Florianópolis. É multiartista e desenvolve a sua pesquisa como atriz e cantora, com a palavra poética falada e cantada. É atriz e diretora do projeto Sarau Itinerante: A Poesia da Palavra com a @kombidepoesia, patrocinada pela empresa Engie de energia. É Criadora do Lab de Voz e Poesia e do Sarau no Escuro, projetos em que atua como professora e diretora. Em 2014, lançou seu primeiro álbum de música e poesia, Os Kuarahy - Raízes Mamelucas, lançado com o apoio de Governo do Estado de São Paulo, disponível nas plataformas digitais.*

“(...) o tempo, o tempo, o tempo e suas mudanças, sempre cioso da obra maior, e, atento ao acabamento, sempre zeloso do concerto menor, presente em cada sítio, em cada palmo, em cada grão e presente também, com seus instantes, em cada letra dessa minha história passionai (...)”

Lavoura Arcaica, Raduan Nassar

Estamos vivendo um momento singular historicamente: para situar os que lerão essas linhas em tempos futuros, estamos em plena pandemia do COVID19. Esse vírus está assolando a humanidade que se considera tão evoluída tecnologicamente ao final de Maio de 2020. A partir desta realidade, nossas vulnerabilidades estão se sobrepondo a toda superficialidade mercadológica e às inconsistentes máscaras do consumo arraigadas ao egoísmo, à competição, ao medo

da escassez, e à falsa imagem de felicidade e satisfação que temos construído ao longo da história. E é através de todo esse cenário que se revela a oportunidade de se desintegrar essas verdades imutáveis, absolutas e obsoletas. Um momento para se permitir perceber a imensa fragilidade humana e sensibilidade tão reprimida. E com isso, permitir, finalmente, virem à tona e poder expressarem-se deliberadamente, a fim de definir novas formas de existir, pela sobrevivência da essência humana e da natureza. Sim, a Senhora Natureza, a maior nutridora de todas as matrizes. A mesma que dispõe da vida de todos os seres. E inclusive que rege o nosso tão sagrado tempo aqui na sua casa. Ela, infelizmente, é tão subestimada sob os valores construídos pela produtividade da Era Industrial nos séculos que antecedem este nosso e pela afirmação do capitalismo enquanto organização social, como nos mostra belamente o filme “ A Lavanderia” de Steven Soderbergh, com Antonio Banderas, Meryl Streep e grande elenco.

Sim, não importa qual o seu cargo na empresa, qual a situação de vida em que você se encontra neste momento. Estamos todos tendo que olhar para nós mesmos, nossa relação com as pessoas, com o nosso consumo, com as políticas públicas; com nossas necessidades reais, nossas famílias e relações que são saudáveis ou tóxicas; nossos pensamentos saudáveis ou tóxicos; nosso caos, nossos traumas, nossas dívidas, dúvidas, valores pessoais e o que realmente importa para cada um de nós. E, principalmente, olhar para nosso bem mais precioso: o nosso tempo. Se não o fizermos, se não pararmos agora e olharmos e escutarmos...o que mais poderá acontecer?

É preciso lembrar constantemente que não estamos de férias; não estamos precisando ser produtivos; não precisamos chegar a nenhum lugar além

do que estamos. Nós chegamos. Este é o momento a que a humanidade se encaminhou. O grande momento. O topo do caos: uma guerra biológica invisível, polarizações políticas extremistas, caos familiares, morte humana, de animais, de florestas, de águas. Violências revelando a fragilidade humana. Mensagens tóxicas da economia e dos resultados acima da humanização e sensibilização a poluir nossas “redes sociais”. Essas seriam um espaço ideal se priorizassem relacionamentos e aprendizados. Mas acabam virando um bombardeio de vendas, onde empresas investem 70% do seu lucro para aparecer em meio a todos os seus interesses dentro das mídias que você acessa. Além disso, outras mensagens subliminares de perfeição e artificialidade desnecessárias a impor realidades no nosso imaginário. Tudo isso causa, desenfreadamente, uma poluição por excesso de informação e de utilização de diversos conceitos e gatilhos mentais de persuasão. E sim, impedem que possamos acessar conhecimentos valiosos, significativos, nutritivos, amorosos a enriquecer a nossa caminhada com sensibilidade e sutilezas.

Vivemos a ditadura de valores distorcidos, inclusive impostos pelos algoritmos. Reflexões e Espaço de Escuta é do que precisamos: Seres de Duas Pernas, como se autodenominam os índios norte-americanos. Escuta essa, reflexiva e necessária, para fazer nascer, aos poucos, uma possível reinvenção! Essa é a realidade que penso estarmos realmente interessados em fazer acontecer. Ou estava tudo indo muito bem e de repente um “Deus Ex Máquina” chamado Corona Vírus chegou para trazer a peste nesta vida fraterna e amorosa sob a Terra? Ironias à parte, o que penso é que realmente nosso espírito foi convocado a trabalhar, nesse período traumático, numa real Reinvenção - do trabalho, das escolas, do nossos sistema de trocas, do aproveitamento do tempo, das relações

humanas, da informação, da acessibilidade, da igualdade de gêneros e raças, do diálogo respeitoso e construtivo, do renascimento da linguagem e da confiança nas palavras; da reinvenção dos poderes públicos, das leis, dos governantes, da ideia de liderança, das práticas de colaboração, da ideia de nutrição, de se estar com as crianças, de estar na vida e vivendo o seu tempo.

Dentro deste contexto, penso que o caos é a grande possibilidade de podermos fazer novas escolhas. De abraçarmos essa infelicidade pandêmica, que acontece dentro e fora de nós: esse vírus, essa necessidade de nos apegar àquilo que construímos, mesmo sabendo que não há mais a possibilidade existencial de seguirmos deste mesmo modo. Mas sim, é o momento de ‘Criarmos Espaço’ e refletirmos: Como nos proteger e realmente acessar o que é essencial em nossas vidas? Como colocar limites, ou melhor, como reconhecer os meus limites? O que quero comer? Assistir? Ler? Ouvir? Como tenho me nutrido a cada dia...? A cada instante? E como tenho nutrido, verdadeiramente, as relações?

O título desta reflexão é para trazer a vocês algo que tem me feito parar e, realmente, resignificar, ainda mais, estas palavras em minha experiência humana e artística em tempos de isolamento social, reflexão e reorientação humana:

O que é o tempo?

Tenho me perguntado, enquanto vejo meu filho de cinco anos crescer e aprender coisas novas a cada instante. E assim como acontece com essa existência, mãe e filho, que sou capaz de observar como uma diretora da cena, percebo essa mágica acontecer na minha própria experiência, aprendendo e me desenvolvendo (e amadurecendo) a cada sol que levanta e percorre (veloz) o céu. Mas então, o

que fazemos de fato com nosso tempo, com a nossa vida? Encaramos nossa vida de forma sagrada e valiosa? Ou entregamos este ouro a uma pseudo verdade imposta ou manipulada por algo que está alheio ao meu espírito dentro desta existência tão complexa e misteriosa que chamamos VIDA?

Tenho medo do caos? O que é o caos? A inversão de valores? Ou a tentativa de reestabelecer um princípio em meio a infinitude existencial? É preciso aceitar o caos para reestabelecer uma nova ordem? É preciso se permitir uma pausa? Para olhar e ver, e depois de ver, enxergar? O que eu preciso fazer diariamente para me sentir bem com meu ritmo interno e poder doar o meu melhor ao mundo? Qual é o meu ritmo interno pessoal, independentemente do que a “sociedade” impõe? Como é o meu funcionamento pessoal a partir da minha rotina, da rotina dos que moram comigo, e daquilo que é essencial para eu me sentir bem? Será a partir desse bem, que poderei me doar, criar, compartilhar, expandir, ou será expandindo, compartilhando, doando e criando que me sentirei bem? O que realmente tenho de valioso dentro de mim que enriquece meus dias e que por mais singelo que seja, necessito trocar, partilhar e multiplicar com outras pessoas, ou às vezes, já me percebo partilhando de forma tão orgânica e natural que...uau! Nunca tinha pensado nisso! - Talvez com isso, que é tão natural em mim, e que me trás tanta paz e ‘glória interior’, possa colaborar para as pessoas viverem melhores também, se sentirem acolhidas, e portanto, por alguns instantes, mais felizes e nutridas. - Será que é a partir dessa nutrição interna, de corações aquecidos, de tempos bem aproveitados com quem se ama, de vidas sentidas com prazer, paixão e entusiasmo que poderemos, com sorrisos sinceros, admirações recíprocas, e irmandades reconhecidas, juntos, criar um mundo cada vez melhor? (para os que ficam e os que virão depois de nós?) E quando eu digo criar, não

imagino um passe de mágica feito em sete dias. Mas visualizo um processo a partir de uma decisão de rota, a partir de um norte e de uma direção bem definida, mesmo que utópica, mas uma construção constante e ritmada. Um prazer de arregaçar as mangas, diariamente, cantando, e macerando, lapidando, talhando, sovando o pão nosso de cada dia, a polvilhar com amor o tão belo trigo, agora entre os dedos transmutado em farinha a nos alimentar após a presença alquímica do fogo. Sim, com a mão na massa, literalmente, honrando com alegria o total sentido de integração nesse servir. Caso não estejamos a viver assim, ao meu ver, este é o momento de recriarmos essa realidade. Afinal, como diria *Calderon de La Barca* – “A vida é sonho. E os sonhos, sonhos são”. Vamos recomeçar? De um novo ponto agora: o de dentro. E lá dentro, bem no fundo, há o seu silêncio. Capaz de te acolher e te dizer: “Estou aqui para você. Faça o que nutre nosso elo sagrado. E te faça feliz. Eu quero você feliz. Esse é o mundo que sonhamos juntos. E é para isso que a humanidade faz parte da natureza para celebrar essa abundância”.

Com todas essas reflexões, gostaria de finalizar com uma frase:

Acredito que somente experimentando nos fazermos felizes, de fato, é que poderemos criar um mundo saudável dentro de casa. De todas as casas.

☪



WISH YOU WERE HERE

Querida mãe,

Fico muito contente com sua mensagem do último Natal, em 2013. O primeiro desta nova fase de sua vida. Tenho certeza que do mesmo modo que recebi sua carta, este meu texto também chegará às suas mãos.

Agradeço pelos presentes. Emociono-me por sua lembrança de seus entes queridos e por manter viva sua tradição em presenteá-los.

Não posso deixar de comentar, entretanto, que seus presentes parecem-me destinados a alguma outra pessoa que não eu. E isto também é uma tradição. Assim foi na maioria dos Natais passados, como um fantasma aprisionado num eterno retorno, condenado a repetir os mesmos velhos equívocos.

WE'RE JUST TWO LOST SOULS SWIMMING IN A FISH BOWL,

Embora nunca tenha deixado de frisar, não ser apreciador do paladar de barras de cereais, elas sempre se fizeram presentes. Como também os sabonetes, cremes e xampus com aromas nada afinados com as minhas predileções. E as camisetas invariavelmente de tamanho superior ao meu...

Recordo-me das inúmeras conversas que tivemos a respeito desta dissonância. Ponderei ser sua intenção não exatamente me agradar com seus presentes, mas sim agradar a si mesma com o ato de me presentear. Como se presenteasse a pessoa que a senhora gostaria que eu fosse, e não eu mesmo.

YEAR AFTER YEAR, RUNNING OVER THE SAME OLD GROUND.

Daí sua pouca atenção ao que deveria ser o foco de seu gesto: um presente deve ser algo de que a pessoa goste e precise. Pode ser também uma lembrança que simbolize o afeto e a importância de uma relação.

Convenhamos que a quase totalidade de seus presentes, em qualquer época ou circunstância, foi marcada por uma repetitiva característica: um grande desconhecimento daquilo de que eu gosto e daquilo de que eu preciso. Nada pode ser mais contundente a esse respeito do que os miseráveis números sugeridos como palpíte para a Mega Sena da Virada. Definitivamente, mesmo depois de morta, a senhora demonstra ainda não ter se reconciliado com quem de fato seu filho é.

WHAT HAVE WE FOUND? THE SAME OLD FEARS.

Quem sou? É a questão que resume nossas vidas. Conhece-te a ti mesmo. É a tarefa que sintetiza nossa existência.

Conhecer para transformar.

Nem mesmo nesta sua nova etapa de consciência, a senhora dá provas de ter superado sua ilusão de que para se desfrutar de qualidade de vida é vital o dinheiro, principalmente aquele obtido pelo ganho fácil com o jogo. O auto-engano de haver algum outro rumo para se trilhar em nossa existência, que não seja o trabalho árduo e constante do auto-conhecimento e da auto-transformação.

SO, SO YOU THINK YOU CAN TELL HEAVEN FROM HELL, BLUE SKIES FROM PAIN.

CAN YOU TELL A GREEN FIELD FROM A COLD STEEL RAIL? A SMILE FROM A VEIL?

Quanto a isto não foram raras nossas discussões a respeito, nas quais nunca deixei de argumentar que a maior parte das pessoas não se contenta em ser como é. Querem que todos compartilhem desse mesmo modo de vida. E querem que dê certo! Apesar da vida implacavelmente não ter qualquer misericórdia com opções por valores e atitudes incompatíveis com o desenvolvimento de nossas consciências.

HOW I WISH, HOW I WISH YOU WERE HERE.

Ao manusear os cartões postais que lhe enviava, recordo-me que preenchê-los era um dos momentos mais indispensáveis e felizes de minhas viagens. Sei também como a senhora gostava de recebê-los.

Tradicionalmente, os cartões postais ingleses costumavam vir com a frase “wish you were here”. Título também de uma pungente canção do Pink Floyd. Trata-se não apenas de uma manifestação de saudade, como um convite para se compartilhar uma experiência de vida.

Gratifica-me muito termos sido capazes de compartilharmos uma dessas vivências. Não me refiro apenas à viagem para Roma, Londres, Madri e Paris, mas a própria viagem de nossas vidas em comum.

Naquela ida de quase um mês à Europa, logo após a segunda semana viajando, a senhora comentou comigo algo muito importante. Revelou que se sentia diferente. Estranha. Pela primeira vez em sua vida, parecia ser uma outra pessoa. Livre. Experimentava uma sensação de leveza ao se ver e ver sua vida em perspectiva.

AND DID THEY GET YOU TRADE YOUR HEROES FOR GHOSTS?

HOT ASHES FOR TREES? HOT AIR FOR A COOL BREEZE?

Expliquei que eu mesmo sempre passava por aquilo. Por isso gostava tanto de viajar. Não somente para conhecer lugares e culturas diferentes, mas principalmente para me reencontrar comigo mesmo, reciclando-me, e assim abrir novos horizontes. Viajar por um período longo é sempre uma excelente oportunidade para nos conhecermos melhor. E através do distanciamento que a viagem proporciona, transformarmos nossas vidas. No fim das contas, a viagem acaba sendo muito mais uma viagem interior.

COLD COMFORT FOR CHANGE?

Nos dias subsequentes, fiz questão de retornar ao tema. Afinal era aquela a primeira vez que compartilhávamos, mãe e filho, da mesma perspectiva, não apenas conceitualmente, mas através de vida vivida.

Afirmar que acima de nossos laços sanguíneos se impunha como mais importante nossa ligação energética. Daquele ponto de vista, a única relação de parentesco possível era a fraternidade nos unindo a todos os demais. Além disso, ficava óbvia nossa missão em comum.

As gerações são como ondas que se sucedem. As ondas da maré montante do processo global de evolução da espécie humana. Às vezes parecem refluir, para logo mais à frente novamente se agigantarem. Um acúmulo de forças. Até que as ondas consigam derrubar ou passar por cima dos obstáculos.

AND DID YOU EXCHANGE A WALK ON PART IN THE WAR FOR A LEAD ROLE IN A CAGE?

Deixei claro que compreendia perfeitamente tratar-se de um processo complexo, difícil e doloroso. Daí as pessoas sucumbirem, se acovardarem, sentirem-se derrotadas. Não era um caminho de alegria, mas de lutas e batalhas. Sangue, suor e lágrimas. Mas recompensava com muita plenitude e êxtase.

Procurei repassar contigo, mãe, como suas decisivas batalhas foram travadas. Suas vitórias e aquelas em que se deixou abater. Tentei analisarmos juntos quais os erros cometidos e como fazer para superá-los.

Tracei os inevitáveis pontos de contatos entre suas batalhas e as minhas próprias. Como minhas opções e atitudes estavam relacionadas às suas. Seja dando prosseguimento, seja retomando ou corrigindo o curso. Tentei mostrar como nossas vidas se entrelaçavam num processo maior em que nossa linhagem, genética e energética, cumpria sua missão na construção de um futuro de liberdade, de igualdade e de fraternidade. Ou seja, como todas as demais linhagens no planeta sintetizavam-se num único objetivo: a busca de um mundo de luz.

E tivemos muitas outras conversas como aquelas. Admito que nem sempre fui bem sucedido em me fazer entender. Confesso que não tive êxito em ajudá-la a enfrentar seus desafios de crescimento e



“Desfolhar”.

Foto de Cyntia Silva. Santiago, Chile 2017.

Finitude

Cyntia Silva. (1966 -) Brasileira, professora de Língua Portuguesa há três décadas e fundadora da Oficina da Palavra há 11 anos. É apaixonada por palavras e busca inspiração na poesia, na música, no cinema, na fotografia e nas artes plásticas.

*“A vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta”
(Manuel Bandeira - Momento num Café)*

A impactante imagem da cova coletiva aberta no estado do Amazonas para enterrar mortos pelo novo Coronavírus viralizou. Ela sintetiza nossa fragilidade social diante da devastação que a doença tem provocado em nosso tempo. Os efeitos da COVID19 logo foram comparados aos da Gripe Espanhola do início do século passado. A Peste, romance-crônica de Albert Camus, foi desenterrado de fundos de estantes e, magicamente, parece ter sido escrito agora, não fosse pelo “detalhe” de nele não figurarem as relações humanas mediadas por dispositivos eletrônicos nesses novos tempos de quarentena. De resto, angústias coletivas, diante do efeito mortal de invisíveis microorganismos no todo poderoso ser humano, são as mesmas. Em Orã, cidade do litoral argelino, Camus afirma logo de cara: “uma forma cômoda de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre”. E quanto a isso descobre a dificuldade que se tem de morrer naquele lugar.

Vida e morte são as grandes questões da humanidade. Elas pulsam em nós desde quando nos entendemos como seres racionais e culturais, diferenciando-nos de um amontoado de átomos, células e microorganismos. Mas o fato é que a ideia de nossa finitude me bateu com força nos últimos tempos. Não sei se foi o fato de eu já ter percorrido meio século que me trouxe a ideia de perecimento; ou se foi a lenta morte por velhice de nosso cão Zumbi que povoou minha mente com reticências. Senti necessidade de organizar meus pensamentos sobre a questão.

Morte é de gênero feminino, aponta a tradição da língua portuguesa. Entre os vários sentidos registrados no dicionário, “o fim ou a cessação da vida (animal ou vegetal)”¹ é o que melhor cabe aqui. Diversos sinônimos são registrados por Houaiss² e destaco os que me dizem algo:

1 falecimento: acabamento, desaparecimento, desapareção, passamento, perda, perecimento, trânsito, traspasse, traspassamento. **2 fim:** acabamento, aniquilamento, destruição, fenecimento, ocaso, término, termo. **3 sofrimento:** angústia, desgosto, dor, pesar, tormento.

Quando criança, nunca experimentei a perda de alguém próximo; nem por tragédia, doença ou causas naturais. A morte sempre parecia algo distante. Tinha medo dos mortos e da morte pelas histórias de assombração da cultura popular, perpetuadas no cinema. Achava que, se dormisse sem cobrir os pés, uma assombração viria me pegar à noite. Só entrei em cemitérios já adulta para me solidarizar a amigos pela morte de seus pais.

Eu tinha mais de 40 anos quando comecei a perder avós e tios já idosos. Nunca enfrentei a dor de uma perda precoce. Posso dizer que a morte entrou suave na minha vida e não tive medo de assombrações. Acredito no corpo e na matéria, mas respeito as explicações religiosas sobre o que acontece quando chegamos ao fim. Até porque elas são mais fáceis e confortam muitas pessoas. Poucos suportariam viver assumindo que ignoramos muita coisa, que temos mais perguntas do que respostas. Mas para mim, o espírito é físico. A matéria da mente, da psiquê, da história, dos eventos que compõem cada personalidade, e como ela se manifesta, é concreta. Mas de um concreto subjetivo. Logo, a vida que cada um tem ou teve prossegue, não no além, mas na trajetória construída, nos rastros da sua existência ressignificada por outras pessoas. Seja essa vida boa ou má. E nisso a morte tem um significado outonal.

Outono é a estação da morte que precede o renascimento. Do casulo que precede o voo. Da volta na espiral do tempo. Tempo em que a vida nunca volta ao que era. Retorna-se a um início. Mas a um novo início do qual não se sabe o ponto final. A única certeza é a de que há um final, nem que seja no meio do caminho. O antônimo de morte é vida: “Nascimento, começo, início, origem, vida. Aparecimento, criação, desenvolvimento, surgimento. Alegria, deleite, felicidade, prazer, satisfação”.

Não tenho mais medo da minha morte como tinha quando criança. Mas gostaria que demorasse a chegar para prolongar meu convívio com entes queridos. Continuo a fazer planos e a engajar-me em projetos coletivos para fazer daqui um lugar melhor. Mas não acredito em falsas promessas de dias bons lá no futuro. Minha velhice ainda me parece estar num lugar distante - assim como eu pensava aos 18 anos. Essa ilusão diária me energiza para prosseguir a trajetória junto aos mais de 7 bilhões de humanos deste Planeta.

Em mim, o outono se anuncia: carnes, peles e dentes preparam-se para se desgrudar do esqueleto que restará. No final, meu corpo jogado à terra será devorado por vermes - deusas-mães - que gerarão e alimentarão novas vidas.

(1) “morte”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]*, 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/morte> [consultado em 26-05-2020].

(2) *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos/ [Instituto Antônio Houaiss; diretor de projeto Mauro Salles Villar]. - 2 ed. - São Paulo: Publifolha, 2008.*

A Morte Absoluta

Morrer.

Morrer de corpo e de alma.

Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne.

[...]

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...

A caminho do céu?

Mas que céu pode satisfazer seu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,

a lembrança de uma sombra

Em nenhum coração, em nenhum pensamento,

em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente

Que um dia ao lerem o teu nome num papel

Perguntem: “Quem foi?...”

Morrer mais completamente ainda,

Sem deixar sequer esse nome.

Manuel Bandeira ☞

Morte Absoluta, de Manuel Bandeira, atravessou meu caminho durante a Quarentena. A morte foi tema que perseguiu de perto esse tuberculoso poeta recifense. Viveu, espantosamente, por 82 anos.



Bebendo com o velho barbudo

Caio Teixeira. (1955 -) *Nasceu em Porto Alegre. Saiu para a vida em tempos de paz, amor, sexo, drogas, rock'n roll e ditadura militar. Como funcionário público e sindicalista, ajudou a organizar greves e a lutar contra a ditadura. Encontrou-se na Comunicação Social, onde conheceu Marx e o comunismo. É jornalista e defende a democratização da comunicação. Em 2019 lançou seu livro *A delação do velho diabo*, onde reúne estes outros causos.*

“Uni-vos”.

*Foto de Cyntia Silva
Florianópolis-SC, 2020.*

Muito tempo sem escrever. Tempo demais. Cérebro/músculo escritor atrofiado. Tempo de fazer, não de escrever. Viajar, mudar de lugar constantemente. Estar aqui agora, antes lá, depois sei lá. Uma música de anos atrás e uma viagem de amanhã. O futuro não existe, o passado se foi e Neruda não tinha dúvidas quanto a isso. Enquanto como a salada, comida presente ausente no passado, me pergunto por que essa obsessão pelo tempo? As obsessões impedem ou no mínimo atrapalham a evolução. De onde viemos? Porque estamos aqui? Qual o propósito da nossa existência? Obsessões pelo passado. Existe vida depois da morte? Para onde vamos? Voltaremos? Existe um destino pré-estabelecido para cada um de nós? Obsessões pelo futuro. Se não podemos mudar o passado e o futuro não existe, por que tanta preocupação em dividir a existência em partes? Não seria mais vivo nos preocuparmos com o ato de ser? Um ato essencialmente presente a cada momento. O que foi é ido, disse Leminski. O que será só saberemos quando vier a ser. O presente pode ser elástico como a profundidade de campo na fotografia, a depender do cristal com que se mire. É o tempo que se precisa para compor uma percepção do real. É o vermelho da estrutura metálica do lugar onde estou. Já não é mais. É a textura da mesa de madeira antiga. Já não é mais. É o brilho da luz na garrafa de azeite. Já não é mais. É o reflexo da lâmpada dourada na superfície do vinho dentro do cálice. E já não é mais. É a projeção do mundo real ao meu redor no espelho da parede. É tudo isso ao mesmo tempo e agora, compondo meu instante, meu instante eterno, que carrega em si tudo o que inventamos de chamar Tempo. Tudo está aqui comigo agora na música antiga, no brilho das superfícies ou no mundo paralelo do espelho. Neste cenário, e no vinho que se mistura ao meu sangue abrindo frestas nas portas da percepção, está ao mesmo tempo o resultado imediato do que percebi durante minha existência inteira e do que virá, pois o que virá estará irremediavelmente ligado ao que foi. Não como um passado determinando um futuro imaginário, mas como a cera de uma vela derretida pela chama, que, mesmo escorrendo, continua sendo a mesma cera que há instantes era vela. E sou invadido pela grande questão metafísica de Aristóteles. Qual a substância primeira? Forma ou conteúdo? Cera ou vela? Quem sabe nem uma nem outra. Desculpe, Aristóteles. Talvez a substância primeira seja o fogo que, dialeticamente, ao mesmo tempo muda a forma e preserva o conteúdo. Se Marx estivesse nesta mesa, certamente pediríamos mais uma garrafa para continuar a conversa. *Prosit!* ☞



Na escuridão

Daniela Stoll. (1986 -) é escritora e pesquisadora. Seu romance *Do lado de dentro do mar* (Editora Patuá) foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, em 2019, na categoria autor estreante. Participou da antologia *A resistência dos vaga-lumes* (Editora Nós, 2019), com o conto intitulado *Parábolas*. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, tornou-se Mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde atualmente cursa o doutorado e pesquisa sobre crítica literária feminista, estudos de gênero e queer, estudos pós-coloniais e literaturas contemporâneas de língua portuguesa. Vive em Florianópolis e ministra oficinas de Escrita Criativa desde 2017.

Ela esbarrou em alguma coisa pontuda à altura do quadril e deduziu, enquanto a dor latejava, que era a mesa da cozinha. Foi uma daquelas pancadas que deixam manchas esverdeadas na pele. Lígia tateava o interior dos armários em busca das velas. Tinha guardado aquelas velas numéricas que colecionava, de seus aniversários, meio derretidas e com o pavio preto, só não sabia onde. Elas tinham se tornado bastante necessárias minutos atrás: encrava a tira do teste de gravidez molhada de urina, quando um estouro distante anunciou a escuridão.

Retomou a procura. Abriu a porta do armário que ficava sobre a bancada da cozinha, sem querer arrastou e derrubou algum livro no chão. Pelo barulho, deduziu que era aquele dicionário pesado em que ela procurou, de manhã, sinônimos para a palavra abusivo. A queda do dicionário a sobressaltou. Lígia suava. Paralisada, ouviu ruídos no corredor. O apartamento era novo, comprado depois do divórcio, e ela ainda não tinha memorizado todos os seus estalos. Alcançou a gaveta de talheres e agarrou uma faca. Enquanto isso, a outra mão apalpou a caixa de fósforos. Não era o mesmo que ter encontrado as velas ou o celular, mas também servia. Com a mão estendida na frente do corpo, tateou a própria casa – as paredes geladas e compridas que não eram tão hostis durante o dia – e encontrou o caminho até o banheiro. Riscou o fósforo.

Uma sombra na parede aumentava o tamanho da tira com o teste de gravidez que ela ergueu no ar. A tira tremia na mão dela, ou era a sombra que tremeluzia. Lígia forçou tanto os olhos que chegaram a arder. Antes que tivesse certeza

do resultado, assoprou o fogo para não queimar o dedo. Fez outras tentativas, no malabarismo que era segurar tira, fósforo e faca. Vez ou outra, ela voltava a chama para a porta, assustada com os ruídos que vinham do corredor. Não fosse a necessidade de descobrir o que aquele teste revelaria, ela teria cedido ao desejo de se encolher sozinha na cama, sob as cobertas, como costumava fazer nas sextas à noite, trancando o corredor e seus estalos do lado de fora.

Abusivo era uma palavra muito pesada, o advogado tinha dito. Lígia precisava de um sinônimo melhor. Se não havia provas, não adiantava ela fazer certas acusações. Era melhor tentarem acertar as coisas de forma amigável primeiro. Jorge era um homem razoável, teria bom senso. O caso deles nem era tão complicado. Complicado mesmo era quando tinha filho no meio.

Riscou outro fósforo.

Jorge deve ter ficado com as velas que ela colecionava. Tinha ciúmes dos aniversários que ela comemorou antes dele, os vinte e cinco, os vinte e seis. Era apegado à questão das idades: queria que ela engravidasse antes dos trinta – senão ia ficar gorda e deformada, o corpo já não conseguiria voltar. Mas ela não queria um filho, então pediu o divórcio aos vinte e nove. O Jorge, com os seus trinta e seis, disse que, se visse ela na rua, matava.

A mão, a tira, o fósforo, a faca – tudo tremia ou tremeluzia.

Fazia só vinte dias que Lígia tinha saído da casa onde morava com Jorge. Desde então a vida dela era trabalhar no sofá e dormir quando dava. Finalmente estava sozinha. Tudo o que precisava fazer era esquecer e seguir em frente. Sozinha. De vez em quando, o advogado ligava – abusivo é uma palavra forte demais –, mas no resto do tempo ela se sentia bem.

Acendeu mais um fósforo: na tira, dois risquinhos confirmavam que ela estava grávida.

Lá longe, na rua, vozes celebravam a chegada do final de semana.

Então, o corredor estalou de novo.

Lígia largou a tira e apertou os dedos em volta do cabo da faca. Se virou para o corredor.

Ela não estava sozinha. ☪

O galardão do poeta

Paulino Júnior. (1979 -) Paulista de Presidente Prudente, mas vive em Florianópolis desde 2005. Estreou com *‘Todo maldito santo dia’* (Ed. Nave, 2014), premiado pela Academia Catarinense de Letras como ‘Melhor livro de contos publicado em Santa Catarina em 2014’. Participou de eventos literários como o 5º Festival Nacional do Conto; Flipobre; e Arte da Palavra – Rede Sesc de Leituras. Seu único trabalho fixo é de ficcionista; e nisso inclui a coluna ‘Labuta do Paulino’, mantida de 2014 a 2016, no jornal *Notícias do Dia* (Florianópolis), e que ocasionou seu último livro *‘A felicidade dos gafanhotos e outras crônicas’* (Ed. Class, 2018). Sua *Esfinge é o mundo do trabalho: “Decifra-me ou devoro-te”*.

Danilo Afonso de Lima abriu sua caixa de *e-mail* como costuma fazer todas as manhãs, depois de circular pelas manchetes e notas dos noticiários eletrônicos, e foi impactado por uma mensagem que há anos nutria a expectativa de receber. Dentista de profissão, professor esporádico em cursos de especialização em ortodontia, e dedicado corredor amador de maratonas, Danilo Afonso de Lima queria mesmo ser reconhecido como poeta.

Autor de oito livros autofinanciados no decorrer de 36 anos de carreira nessa “luta mais vã”, que é a luta com as palavras (conforme assinalou Drummond), já havia provado o gostinho do reconhecimento sempre que rememorava o elogio da professora de português no antigo ginásio de sua cidadezinha natal, passando pela incumbência de redigir o texto no convite de formatura da sua turma de odontologia, um e outro poema figurando em antologias de concursos literários provincianos, até o convite para integrar a Confraria de Belas Letras na cidade em que hoje reside – “engrossando o caudal literário”, como declarou seu amigo e presidente da entidade na formalização do novo sócio.

Em seu juízo, no entanto, faltava o reconhecimento maior, aquele que só poderia advir com um prêmio outorgado por uma instituição de grande porte, capaz de catapultar sua carreira às graças do mercado. Assim, com o *glamour* e *frisson* que só o deus mercado é capaz de conceder aos pobres mortais, poderia gozar da posse efetiva não só de leitores casuais, mas de fãs assumidos. E julgava que hoje suas obras sequer dispunham de leitores porque ele não tinha representação no mercado. Logo passou a imaginar rostos conhecidos e desconhecidos comentando entre si “o último livro de Danilo Afonso de Lima”: uns ostentando o mérito de terem lido e formando opinião sobre a obra; outros disfarçando a vergonha por não terem lido; e, evidentemente, não faltavam os embusteiros, que fingiam a leitura e dissimulavam críticas

alinhavadas com frases de pseudoefeito a fim de passar a impressão de bem ilustrados e antenados. Sobre o caráter desses últimos, Danilo Afonso de Lima acabou escolado depois de anos de convivência com essa forma inferior de vida, tão comum nos ambientes literários.

O certo é que o prêmio de “qualidade por serviços prestados às letras nacionais”, tal como era informado na mensagem, iria encher os olhos de todo mundo que se impressiona com o sucesso. Pôs-se a navegar pelo *site* da Sociedade Nacional de Personalidades, através do *link* anexado, e comprovou pelos vídeos e fotos promocionais que, de fato, havia ocorrido um número razoável de pomposas cerimônias para homenagear “grandes pessoas que contribuíram para o desenvolvimento do país ao se destacarem em suas respectivas áreas de conhecimento e atuação”. Inspirado, logo fez um esquema mental de seu discurso: filho de uma costureira e de um electricista, aos quatorze anos de idade saiu de um miúdo município em um estado distante das grandes capitais brasileiras, praticamente sem nenhum dinheiro no bolso, para estudar em uma cidade que pudesse suprir a carência de uma educação formal mais elevada e, a duras penas, conseguiu realizar o sonho da mãe em ter um filho formado na área médica; porém, a poesia sempre falou alto, uma paixão irrefreável, quase uma patologia, uma musa que o acolheu nos momentos mais cruciais, principalmente quando ele, já quinquagenário, até pensou em desistir da própria vida...

O discurso de autopiedade é infalível! E vira uma história bonita quando utilizado em contexto indicativo de conquista, exibindo superação. Pega super bem e ajuda a angariar popularidade, pois se as pessoas são capazes de contemplar as desgraças alheias para se consolarem, do mesmo modo se afeiçoam a exemplos que sirvam de crença na sociedade pela via da iniciativa pessoal. Assim, ainda que ele não tivesse sofrido como um Cristo no Calvário, estava decidido que “veio de baixo e quebrou barreiras”.

Porém, de repente, os pilares do castelo de Danilo Afonso de Lima foram abalados. Um sobressalto acabou por fazê-lo desistir da honorífica distinção e, conseqüentemente, da majestosa solenidade. Não contava com a cifra de R\$ 2.700,00 que teria de desembolsar para receber o tão sonhado reconhecimento. “Alegria de pobre dura pouco”, filosofou. Ainda que desanimado, prosseguiu em sua investigação pelo *site* até que se deteve obcecadamente nas imagens veiculadas. Pensou um pouco mais e concluiu que a quantia era até razoável quando se levava em conta a suntuosidade do medalhão (flagrante pela foto)

e a assembleia de notáveis premiados em várias categorias em um único evento. E tão súbito quanto o choque de instantes atrás, foi a projeção mental do “humilde interiorano” figurando ao lado de um militar de alta patente, um advogado habilidoso, um engenheiro engenhoso, um magistrado ilibado, um cientista brilhante, um famoso da TV, um empresário de renome... Quem sabe algum ministro...

Convencer a esposa talvez não seja tarefa muito fácil, mas sabia por quais caminhos abordá-la. Embora não estivessem em tempo de vacas gordas – inclusive com a filha adolescente tendo que fazer a vez de secretária do consultório no período vespertino –, eles gostavam de se considerar “filhos de Deus” quando o assunto era consumo. Fazer uma viagem para participar de um evento de tamanha magnitude seria o equivalente a um passeio de descanso justificado por uma festa de formatura... Ou melhor, uma festa de debutante. É isso mesmo! Seria o seu *début* na sociedade, sua estreia na vida social em âmbito nacional. E isso não tem preço! Quer dizer, até tem, mas dá pra parcelar em seis vezes no cartão. Além do mais, tudo na vida tem um preço e ele não queria decepcionar a pessoa (ou grupo) que indicou seu nome.

Sim, a mensagem trazia a convincente informação de que ele havia sido indicado por “gente de destacada relevância técnica e social”. Ele era observado, refletiu. Seu histórico na atividade de poeta, no seu entender, já seria suficiente para a consagração, mas imaginou também que suas exposições e postagens nas redes sociais tivessem surtido efeito. Poesias autorais sobre temas aleatórios e opiniões a revelarem sua ‘consciência elevada’ dos acontecimentos poderiam ter despertado a atenção de alguma vaca sagrada do mercado literário (tinha várias no rol de ‘amigos’ que aceitaram sua ‘solicitação de amizade’). Bem que um jornalista, que vendia serviços de consultoria literária, disse que hoje não basta ser o novo Fernando Pessoa, mas é preciso também ser competente na comunicação e usar com eficiência os meios à disposição.

A indicação não poderia ser revelada para não causar ressentimento e intriga nos concorrentes que ficaram de fora, mas a ideia de um protetor oculto adicionava a excitante sensação de ingresso em uma ordem secreta, uma



associação de seletos, a qual só pertence quem é escolhido. Por isso tudo, continuava Danilo Afonso de Lima em suas conjecturas, todos os custos com a oferta do prêmio seriam um investimento, até mesmo o valor de R\$ 320,00 para que cada convidado do laureado participasse da cerimônia com direito a bufê livre – bebida não inclusa. Se ainda assim a esposa resistisse, repassaria a informação de que cada vez que o nome dele fosse digitado no *Google* apareceria a titulação que seria – diria com ênfase – publicada no Diário Oficial. Sem contar que a solenidade acontece no Rio de Janeiro, onde fica a sede da Sociedade Nacional de Personalidades e onde está a Academia Brasileira de Letras...



“Relíquia”.

Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis, 2016.

Sonhava alto e isso era um problema, pensou. Antes de atingir o famigerado píncaro da glória teria que resolver um contratempo: ter material pronto para um livro inédito. Pelo menos que tivesse uma parte bem adiantada, posto que pudesse ser procurado por uma editora representativa do grande mercado – quem sabe a Companhia das Pedras. Os editores gostam de quem tem disposição. Aliás, o mercado quer que estejamos dispostos. Então ficou alarmado ao cogitar consigo que teria de escrever um romance, era isso que esperariam dele, pois romance é o que vende. Sem problemas! Ser escritor profissional é isso e já projetava um tom de displicência ao se referir ao ‘seu’ editor (“meu editor isso, meu editor aquilo”) a fim de fazer charme com os ‘ossos do ofício’.

O tempo não para, como diria o poeta, e Danilo Afonso de Lima encarava o presente como uma recompensa por não ter desistido de seu sonho – gostou tanto desse raciocínio que anotou para incluir no discurso. Porém, a realidade imediata estava logo ali e o chamava com a boca escancarada, mal cheirosa, de dentes encavalados e gengiva cinza. Deu graças a Deus por ainda ter clientes, pois haveria mais contas a contrair, e dirigiu-se para o consultório ruminando os louros.

Tristeza talvez tivesse sentido o pequeno empresário Gilberto Pena, que já não tinha muito que fazer para evitar a falência de sua loja de artigos para festas e decoração, quando tomou conhecimento do *e-mail* que o parabenizava pelo “prêmio de qualidade aos serviços prestados no comércio” e, mal terminou de ler, mandou para a lixeira. ☞

Fuga temporal

Luiz Roberto Francisconi. (1966 -) Natural de Curitiba, mudou-se cedo para Porto Alegre e aos seis anos de idade para Florianópolis. É fotógrafo e jornalista; amante da 1ª arte, a música; da 6ª arte, a palavra; da 7ª arte, o cinema e da 8ª arte, a fotografia. Todas são sua base de inspiração, tanto para escrever como para sonhar.

Polícia encontra mais um “viajante do tempo” na capital!

A polícia militar encontrou ontem (23), em Florianópolis, a quinta cápsula contendo mais um “viajante no tempo”. Não foi revelado o nome da pessoa que estava no casulo, mas confirmaram estar viva e sob cuidados médicos. O módulo estava em um fundo falso de um prédio histórico que estava sendo demolido para dar lugar ao um novo centro comercial no centro da cidade. Nos quatro invólucros anteriores, em uma apenas foi encontrado passageiro vivo, os outros três foram achadas danificados com os ocupantes, porém, nenhum deles sobreviveu.”...

Pois bem, este na notícia sou eu. Destaque da semana passada, na verdade, dez dias se passaram em meu novo mundo. A matéria jornalística conta o principal, mas não diz como estou e muito menos como me sinto quanto a tudo que se passou até chegar ao momento atual e as perspectivas para meu futuro... futuro, soa engraçado falar em.. futuro.

Meu hoje é fruto de um projeto secreto no passado, quando topei fazer parte de uma experimentação científica para prolongar a vida e a juventude. Com poucos familiares vivos, e pouca coisa me prendendo àquele espaço-tempo, resolvi investir nessa jornada com destino incerto, ao menos, naquela época. Nada garantia que eu acordaria.

Devem estar pensando, quem é você, então? Era um cientista, um astronauta...? Que nada, meu nome é Luiz, sou jornalista e tinha, em 2020, 53 anos. Entrei nessa jornada não como cientista, mas como jornalista que sou. Um curioso que pouco tinha a perder. Estava também incomodado com os rumos políticos, sociais, culturais do meu tempo e, de quebra, ainda estava desempregado.

Ah, então foi por dinheiro que se meteu nessa empreitada? Sabia! – diria a maioria – mas não, seria bacana até, bem que eu estava precisando. Se não acordasse dessa “viagem”, ao menos me prometeram um fim honrado e sem dívidas para os poucos parentes que deixei. Foi por oportunidade, idealismo, tédio com a época passada e, não esquecer que adoro ficção científica, o que me ajudou a aceitar a proposta. Me imaginava acordando em um futuro de naves intergalácticas (risos). Por que não?

Bem, acordei. Já foi mais do que eu esperava. Além de acordar, ainda me vi com saúde perfeita. Tirando uma baita dor-de-cabeça, confusão total, ataques de pânico e dificuldade de respirar nos três primeiros dias neste “novo mundo”, deu tudo certo. No quarto dia, parecia estar ainda com ressaca das bravas. Aí, no quinto dia, é que consegui ter noção mesmo de que estava vivo e tentar compreender o que havia acontecido e o que se passava à minha volta.

Levando em consideração que farei no fim deste ano 134 anos, e que fiquei congelado 81 anos, mais tempo que eu vivi até 2020, me sinto jovem e bem. Minha aparência não mudou e os exames clínicos e até psiquiátricos atestam eu não ter essa idade toda, e que, biologicamente, mantenho a mesma idade da época em que fui congelado. Enfim, acordei em 2100, um sucesso de experimento, me sentindo agradecido pelos simples fato de abrir os olhos e saber que consegui.

No quinto dia, finalmente consegui levantar, comer sozinho e pensar sem sentir muitas dores. Minha primeira pergunta foi – Onde fica o teletransporte? – Ok, apesar da pergunta, eu já estava ciente de onde me encontrava e em que ano, isso não foi preciso questionar. Aí descobri que não existia nem o teletransporte, nem a nave interestelar com que eu tanto sonhei. Foi a primeira vez que deu vontade de voltar para o casulo. Quem sabe mais 81 anos?

No sexto dia, em que descobri as coisas terem mudado, todo conceito de comunicação estava ótimo. Não existia mais necessidade de aparelhos, de *smartphones*, muito menos de televisores. As imagens eram holográficas e projetadas

por pontos minúsculos colados à pele. Ainda produziam efeito *sound round*. O ponto continha tv, rádio, telefone, filmadora, bloco de notas, máquina fotográfica, ou seja, se achávamos em 2020 que o *smartphone* tinha tudo isso, o ponto faz parecer a antiga tecnologia um brinquedinho pesado. Nesse dia me diverti.

Falei que no sexto dia descobri que o mundo tinha mudado, mas não muito. Me dispersei com a tecnologia, me diverti sim, mas no sétimo dia, encarei a realidade. Vendo as notícias, me deparei com erros do passado não apagados. Notei que o ser humano continuava mesquinho em sua cúpula administrativa. Fome, desigualdade social, extremismos partidários de direita e esquerda, pessoas dando mais importância a bandeiras do que a pessoas. Estava tudo lá, ainda. Tudo o que deixei no passado, com roupa nova, mas com a mesma essência. E foi nesse momento, a segunda vez em que tive vontade de voltar para a cápsula e ficar congelado por não menos do que 100 anos. Acordei esperando ver algo como a “Federação unida dos planetas”, de minha série favorita, onde além de viagens espaciais, as raças, credos e fronteiras não eram motivo para discórdias (pelo menos não na Terra). Que tolo. As pessoas imitarem ou se basearem em obras da ficção científica para buscar alternativas energéticas e de comunicação é uma coisa; outra é mudar a índole do ser humano no que se refere ao poder. Falei em ficar congelado mais 100 anos? Acredito que precisaria de uns 300 para ter alguma evolução nesse sentido.

No oitavo dia, encontrei o viajante do tempo descoberto antes de mim. Uma mulher. Bonita. Essa sim, cientista. Participou ativamente da experiência. Também parecia ter a aparência física intacta, mas infelizmente a encontrei em estado de choque. Me disseram que no quinto dia acordou, no sexto dia depois de encontrada a cápsula, ela soube das novidades, não tão novas de nosso novo presente, e levou o primeiro baque. Me contaram que chorou muito, até o dia seguinte. Depois disso, soube dos rumos de familiares que deixou no passado e aí não produziu mais um som sequer. Os médicos dizem que ela está sadia, só não responde a ninguém. Deixei-a. Era meu único elo com minha história. Eu a entendo; o que vi e ouvi é de fundir a cabeça mesmo. Espero que se recupere.

Nove dias após ser descongelado, deixei as imagens holográficas e fui para a rua ver pessoalmente o que eu temia. E foi bem pior. Pela terceira vez, tive saudade do meu estado de congelamento. Isso eu não tinha visto ou reparado nas imagens que acompanhei no meu ponto. E da lista que citei das coisas

que não mudaram, acrescentei duas, especulação imobiliária e ganância sem medidas. O centro da cidade, que em 2020 já havia acabado com muito de sua história arquitetônica, estava com prédios de até 100 andares. Poucos prédios do passado sobraram. Só reconheci que era mesmo o centro pela fachada da Catedral metropolitana. Sim, fachada, pois atrás dela subiu um prédio de 84 andares que ocupou a quadra inteira. Ainda existe a igreja, forjada dentro desse novo prédio como se fosse a igreja antiga. Mantiveram a estrutura da frente, incluindo os sinos. Que susto. Sol não dá pra ver. Nas ruas não passam carros como os de antigamente. Existem carrinhos elétricos parecidos com os antigos de golfe contendo até dez passageiros. Ninguém dirige, tudo automatizado. A chamada inteligência artificial parece que deu certo, nesse caso. Enjoado com tanta mudança para pior, fui descansar.

Hoje, após dez dias neste novo velho mundo, procurei relaxar. Em 53 anos de vida consciente, 81 anos em hibernação e 10 dias de uma nova vida, sendo que consciente apenas os últimos cinco, posso dizer que, ao ir para meu casulo no passado, fechei os olhos vislumbrando um futuro de estrelas, naves, carros voadores e, principalmente, um mundo de tolerância com as diferenças, de mais paciência, menos maldade, pessoas menos gananciosas e com mais empatia. Acordei de uma experiência dez dias atrás. Acordei de outra forma nos últimos cinco dias. Vi, senti e vibrei com atualizações. Chorei com o que nada mudou. Não pela cidade transformada, deformada, mas pela natureza humana, nada humana, que só pensa em ganhar e ganhar.

Encaminhei-me para meu invólucro temporal com o propósito de voltar a ser congelado e torcer para que me esquecessem por 200 anos ou mais. Sabe aquele andar firme e duro? Olhos que nada veem além do que desejava, fixos e focados no caminho. Nada mais me tirava a concentração no meu querer sair daquele tempo, daquela situação. Até que... parei. Tive que sentar. Veio à minha mente uma terrível frustração. Pensei na proposta do passado que aceitei; nos anos de exames, de treinamentos, de sonhos e ilusões. Da fuga de uma situação e de todo crédito em um futuro utópico. Reparei, nessa fração de segundo que me fez parar, que, muito possivelmente, pouco adiantaria uma nova jornada e arriscar a abreviar minha vida ali, trocando a vida por mais uma ilusão, da mesma forma que fiz. Terei que me esforçar mais no presente para ter um futuro melhor. Clichê. Batido? Sim, acredito que tudo possa parecer assim no início. Vamos transformar o clichê em algo original. E dessa vez, sem fugas temporais. ☪



“Carne”.

Foto de Cyntia Silva. Bogotá, Colômbia, 2018.

Paulo Paniago. (1966 -) é professor de jornalismo na Universidade de Brasília. Escreveu um livro de não ficção, “No compasso das letras”(Terceiro Setor, 2012), dois de contos, “É um bom título” (Edição do autor, 2017) e “Quando termina” (Edição dos autores, 2018) e um de poemas breves, “Curto-circuito” (2019, Edição do autor).

Dimensões e graus das atividades triviais e das grandes

Sol fazendo servicinho lá dele: subia metade do dia ficava cansado depois deslizava para outro lado tranquilinho sem se afobar: nisso se passavam dias todos num sem-fim se repete sem quê nem pra quê.

Humanos formigas assustadas a correr de lado para outro como se vida tivesse qualquer serventia.

Quando se juntam para infernizar minha vida

Ele não sabia se aquele tropel era cavalaria de Deus ou cascos dos Cavaleiros do Apocalipse. Tanto fazia: estava resolvido que fosse como fosse ia enfrentar do mesmo jeito tinha acordado com revolta a cozinhar por dentro vontade de revolução todinha preparada. Fosse Deus fosse Diabo para ambos ia dar mesmo tratamento desdenhoso enfrentamento que se fizesse necessário tanto por tanto.

Deus é mais direto e objetivo Diabo gosta de florear um pouco. Ou o contrário. Possa ser agora estou esquecido pronunciou-se.

Fato é que foi como falei: abriu braços dois ferros na ponta de cada mão fechada extensão do homem. Deu grito de vinde-a-mim dizem que fez em seguida lambança de fogo poeira redemoinho de furacões que no fim ninguém podia acertar testemunho direito se que era o quê se tinha sido Deus ou Diabo e mesmo que tivessem sido dois juntos em parceria ele teria feito que fez virado como estava.

Abriu-se buraco no chão — há quem diga que foi no céu senhor decida como melhor parecer — e trouxe a todos em confusão que parecia seria ponto final da história do mundo no entanto senhor vê continuamos por aqui talvez para ficar contando justo esse tipo de história não sabe.

Verdade restaurada acerca da vida e adjacências

É simples uma hora você está vivo outra hora não está mais. Mas tem quem antecipe por pressa ou por desastrado. Com aquele sujeito foi problema de dívida pacto mal fechado. Isso que dá não entender língua que Diabo usa ir assinando logo parte assim sem mais. Esperto foi Tirso manhoso que só. Diabo veio com proposta isso que aquilo fazia acontecia só assinar aqui dedo indicando linha.

Tirso ergueu o peralá mão assim rebateu abnegado: tinha contraproposta. Isso que aquilo meu adevogado — assinalou errôneo no acerto — mandou que Morcegão assinasse no pontilhado. Elegeu tribunal da cidade dele para qualquer dúvida senão a ser resolvido agora Diabo quem lhe come na mão amarrado por contrato obrigado cumprir. Tribunal nem existe tristeza só deve estar Desgraçado.

Nesse impasse que se prolonga Tirso só vence fica com parte que lhe cabe do acordo todos issos aquilos prometidos na barganha.

Agora me diz quem é verdadeiro Tinhoso. ◀



Dança, Bernardo, dança

Gabriela Graciosa (1992 -) *Sempre gostou de inventar histórias e, quando descobriu que poderia escrevê-las para compartilhar com o outros, decidiu graduar-se em Escrita Criativa. Hoje é escritora em tempo integral - e professora de inglês nas horas vagas. Pode ser encontrada em alguns blogs, mas também está sempre escrevendo no <http://instagram.com/graciosaguedes>*

*“Dançar é como sonhar com os pés.”
(Constanze Mozart)*

Toda vez que Bernardo fechava os olhos, a última coisa que ele via eram as estrelas, morando no teto de seu quarto e iluminando seu sono. Aquelas estrelas já haviam sido amigas da mamãe também, quando ela era tão pequeninha quanto ele era agora.

Quando Bernardo dormia, muitas vezes as estrelas visitavam seu sonho e juntos, eles brincavam de pega-pega, de pular corda, de esconde-esconde, de carrinho, de bola, de casinha e de dançar. O sonho preferido de Bernardo era quando as estrelas visitavam para dançar. Era sua brincadeira favorita.

Toda vez que Bernardo abria os olhos, as estrelas ainda estavam ali, morando no teto de seu quarto e acordando o menininho para mais um dia. Nas manhãs em que Bernardo acordava de um sonho de dança, ele passava o dia inteiro com os pés sonhando por aí.

“Dança, Bernardo!” seus pais falavam, quando viam o corpinho do menino balançando com

a música que vinha dele mesmo. Os braços se abriam, a perna ia para um lado e a cintura para outro. Papai ria e batia palmas e mamãe jogava as mãos para cima para entrar na dança.

E depois de um dia inteiro brincando, comendo, correndo, pulando e dançando, Bernardo ia dormir e olhava de novo para as estrelas ali no teto. Ele pedia para elas fazerem uma visita em seus sonhos.

Todo dia era assim. E Bernardo aprendeu que quando mamãe jogava os braços para cima, era hora de dançar. Era como se mamãe buscasse com as próprias mãos as estrelas lá do céu para entrar na brincadeira. E dançavam e dançavam e dançavam, até as pernas cansarem e os pés doerem.

Até que Bernardo cresceu e começou a ir para a escolinha. Então ele não podia mais passar o dia em casa dançando com a mamãe e com as estrelas que ela buscava no céu. As estrelas não visitavam Bernardo na escolinha e lá, ele não ouvia a música de seu corpo. Era um lugar com muito barulho,

sim, mas nenhum barulho tinha o ritmo que fazia suas perninhas balançarem.

Então todo dia, Bernardo chegava em casa e torcia para mamãe pegar as estrelas lá no céu para que ele pudesse dançar com elas. Quando via as mãos de mamãe para cima, seus pezinhos logo começavam a se agitar pela sala, pela cozinha, pelo quarto, pelo corredor, e por toda casa.

Um certo dia, enquanto o sol ocupava a casa das estrelas lá no céu e Bernardo estava na escola, ele sentiu uma vontade muito grande de dançar. Ele nem pôde acreditar quando viu sua professora levantar os braços. Ela estava chamando as estrelas! Então Bernardo dançou. Os braços se abriram, a perna foi para um lado e a cintura para outro.

Primeiro, ele ouviu uma risada. Era um som bom! Seu pai sempre ria e batia palmas quando Bernardo dançava. Então continuou dançando. E ouviu mais uma risada. E então outra e mais outra. Quando seus pezinhos se prenderam ao chão e perderam o movimento, é que Bernardo entendeu que seus colegas não estavam rindo com ele. Eles estavam rindo dele e de sua dança.

Bernardo parou de dançar imediatamente. Ele se perguntou se as estrelas ficariam tristes, mas a professora nem sequer parecia que tinha conseguido buscá-las de verdade. Não como mamãe fazia. Naquele dia, quando chegou em casa, correu para seu quarto para ver se as estrelas ainda moravam ali no seu teto. Assim que ele dormiu, elas visitaram seu sonho e começaram a dançar, mas Bernardo já não sentia mais tanta vontade de balançar o corpo.

Por muitos e muitos dias, mamãe continuava a chamar as estrelas quando estavam todos em casa, mas

Bernardo não sentia mais aquela alegria em sonhar com os pés. E mamãe foi parando de levantar os braços, papai foi parando de bater palmas, e certo dia Bernardo parou completamente de dançar.

Bernardo cresceu e as estrelas já não visitavam mais seus sonhos. Ele havia aprendido com seus colegas na escola que dançar não era coisa de gente grande e que existiam outras brincadeiras de que ele deveria gostar mais, agora que já não era mais bebê.

Quando mamãe contou que as estrelas tinham visitado os sonhos dela e contado que ele ganharia um irmãozinho, Bernardo logo pensou que precisava aprender ainda mais com seus amigos para poder ensinar muitas novas brincadeiras a seu irmãozinho. Aprendeu a jogar bola, a fazer corrida de carrinho, a brincar de pega-pega, e até a andar de bicicleta.

Enquanto brincavam seus amigos, Bernardo via que algumas meninas continuavam a dançar. Elas eram tão grandes quanto Bernardo, então por que elas podiam e ele não? Mas ele seguia aprendendo com seus amiguinhos porque sabia que logo, logo Henrique chegaria e ele tinha muito a ensinar ao seu irmãozinho.

Pareceu demorar muito, mas quando Henrique chegou, mamãe perguntou se Bernardo daria seu quarto (e suas estrelas!) para o irmãozinho. O novo quarto de Bernardo era maior, tinha uma cama maior, tinha um armário maior, tinha brinquedos maiores, e combinava com Bernardo, que agora já era muito maior.

Não tinha estrelas morando no teto, mas todo dia quando ele ia dormir, mamãe dava um beijo de boa noite em Bernardo — a última coisa que ele via

antes de fechar os olhinhos agora era o sorriso de mamãe, com Henrique nos braços dela. Bernardo dormia feliz toda noite, porque seu coração estava cheio de amor pelo irmãozinho e assim, as estrelas voltaram a visitar seus sonhos.

Bernardo não via a hora de Henrique crescer para poder lhe ensinar todas as brincadeiras que sabia. Mamãe dizia que logo, logo as perninhas de Henrique teriam força para poder brincar e o irmão mais velho ficava cada vez mais e mais feliz! Então, um dia, Henrique se levantou, ficou de pé e a primeira coisa que fez foi dançar. Papai riu e bateu palmas e mamãe jogou as mãos para a frente para entrar na dança.

“Dança, Henrique!” seus pais falaram e quando os olhos de mamãe encontraram os olhinhos de Bernardo, ela esticou as mãos para o menino, chamando também para a dança. “Dança, Bernardo!”

Bernardo percebeu que mamãe não chamou as estrelas para dançar com eles, mas ele queria dançar mesmo assim. Seu pequeno coraçãozinho estava repleto de felicidade e alegria com sua família e Bernardo aprendeu que não importava se era grande ou pequeno, ele poderia dançar sempre que quisesse.

Seus amigos tinham falado que no mundo de gente grande, não tinha espaço para dança. Eles riram quando Bernardo dançou e pouco a pouco, ele foi entrando no mundo dos amiguinhos e deixando seu mundo de dança de lado. Logo a dança, que ele tanto amava! Bernardo sentia falta de dançar e, mais do que isso, sentia saudades das estrelas que vinham lhe fazer companhia.

Mas o universo agora era seu e naquela galáxia, a dança era universal. Bernardo criou suas próprias estrelas, passos e notas, e a cada melodia, sentia que crescia junto com o céu. E mesmo grande, ele dançava e dançava e dançava. Seus pés, que agora já não eram tão pequenininhos, tocavam um chão que ele mesmo havia criado. E se ele quem tinha criado o chão, decidiu então que nele, as estrelas também morariam.

Quando os colegas falaram para Bernardo que dançar não era coisa de gente grande, ele deixou a dança de lado. Mas ali na sala de casa, dançando novamente com mamãe, papai e Henrique, ele descobriu que no seu universo era ele quem criava as regras das brincadeiras. Então Bernardo fez todo mundo dançar e chamou as estrelas para dançar com eles novamente! ☾

Quadrinhos e sobre eles



QUARENTENA

POR GALVÃO BERTAZZI







Capítulo 20



Galvão Bertazzi. (1977-) é um quadrinista goiano, que vive atualmente em Florianópolis. Desenha compulsivamente à base de café barato de supermercado, passado em filtro de papel, várias vezes ao dia.

Desde 1999 publica na internet a tira cômica **Vida Besta**. Conheça o trabalho do artista no site www.galvaobertazzi.com e redes sociais @galvaobertazzi



**O homem
sem talento**

Yoshiharu Tsuge

veneta



O Homem sem Talento

Piu Gomes. (1965 -) Cineasta e jornalista, formado pela Universidade de Brasília-DF. Contar histórias é seu ofício e seu deleite.

O Homem sem Talento
(Yoshiharu Tsuge)
Editora Veneta

Publicada pela primeira vez nas Américas aqui no Brasil pela editora Veneta, “O Homem sem Talento”, obra seminal de Yoshiharu Tsuge leva a presença do autor na história ao limite. Sim, podemos ver antes dos norte-americanos o recorte autobiográfico que cristaliza o “watakushi” (“quadrinhos do eu”). Desde suas primeiras publicações em mangá, em 1954, quando tinha 17 anos, Tsuge subvertia as convenções ao abordar temas sombrios e adultos, se valendo da existência à época das livrarias de empréstimo, que tornaram as revistas mais disponíveis aos leitores e proporcionaram mais ousadia às editoras.

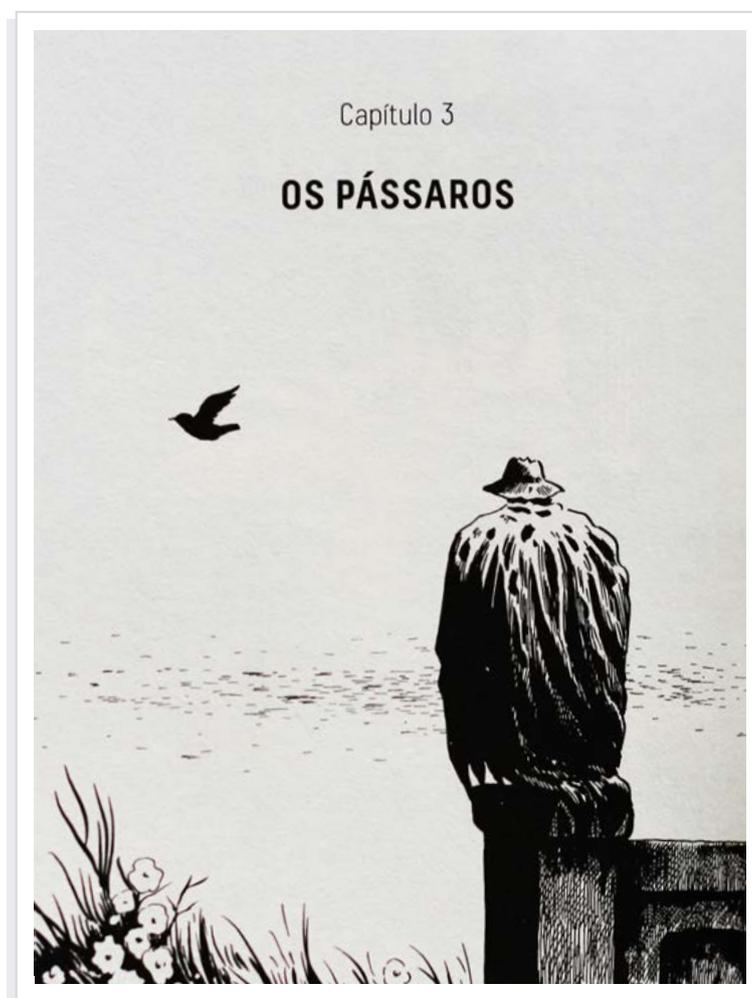
A partir de 1966, o autor começa a publicar HQ's que exploram suas vivências pessoais, em obras como “Chiko, o Pardal de Java” e “Senhor Bem dos Iglus”. Tsuge aborda o inconsciente e seus sonhos, e “Neji-shiki”, a história de um adolescente ferido que sangra devido à uma estranha água-viva, é publicada na Europa e EUA - onde é batizada de “Screwed” - enrolado ou enrascado, em tradução livre, título internacional também da adaptação cinematográfica de Teruo Ishii. O universo onírico é ponto de partida para discutir a natureza humana, suas angústias e temores. Em 1984, coincidentemente numa revista chamada “Comic Baku” (baku é uma criatura lendária chinesa, que vive sob os travesseiros e devora os pesadelos), ele lança “O Homem sem Talento”.

O enredo nos apresenta a Sukegawa, um autor de mangá que abandona a carreira bem sucedida por acreditar que o mercado editorial não está interessado realmente em arte, e apenas visa o lucro. A partir daí, ele tenta alternativas como consertar e vender câmeras fotográficas antigas, o que resulta em fracasso. Sua próxima iniciativa é vender pedras coletadas no rio perto de onde vive,

inspirado em antiga tradição japonesa. Mais uma iniciativa que não dá certo, o que aumenta a pressão exercida pela esposa e os momentos humilhantes, como quando carrega sobre os ombros pessoas interessadas em atravessar o rio para assistir e apostar em corridas de bicicleta.

Tsuge aborda o fator determinante para algo ser definido como obra de arte: o personagem tenta vender pedras por considerá-las como tal, graças à sua forma, cor ou equilíbrio, mas elas são desprezadas por serem de fácil acesso, não por seu valor estético. Remete ao shibumi, um conceito que “tenta definir um grande requinte oculto sob uma aparência corriqueira”, como disse Trevanian no romance que leva esse nome. Outra questão cara à cultura do Japão é o combate entre tradição e modernidade. Por preservar costumes tradicionais - e colecionar antiguidades, quiçá velharias, Sukegawa sempre é questionado. Seus poucos amigos também são fracassados presos a um passado onde existiam pedras vindas dos rios que espelhavam montanhas, onde um mestre das aves penetrava em florestas e trazia raros pássaros japoneses, que passaram a valer menos que um papagaio ou uma calopsita. Um livro antigo conta a lenda de um ronin (um samurai sem mestre) que se afoga na bebida, na lama e na poesia, conduzindo “O Homem sem Talento” a um final lírico.

Tsuge será o grande homenageado de *Angoulême* em 2020, não só pelos roteiros ousados: sua arte é exuberante. Traz elementos realistas misturados ao *cartoon* presente na tradição do mangá, com uma transição entre eles relacionados a cada personagem. Sua diagramação e composição dos quadros busca várias vezes transportar o leitor para momentos de reflexão, escapando à sugestão de movimentos e à decupagem ampliada do gênero. Alterando também um despojamento de cenários com detalhes em hachuras, faz o leitor transitar por climas distintos, sempre em função da dramaticidade da história. ☪





Não tinha outra coisa para fazer



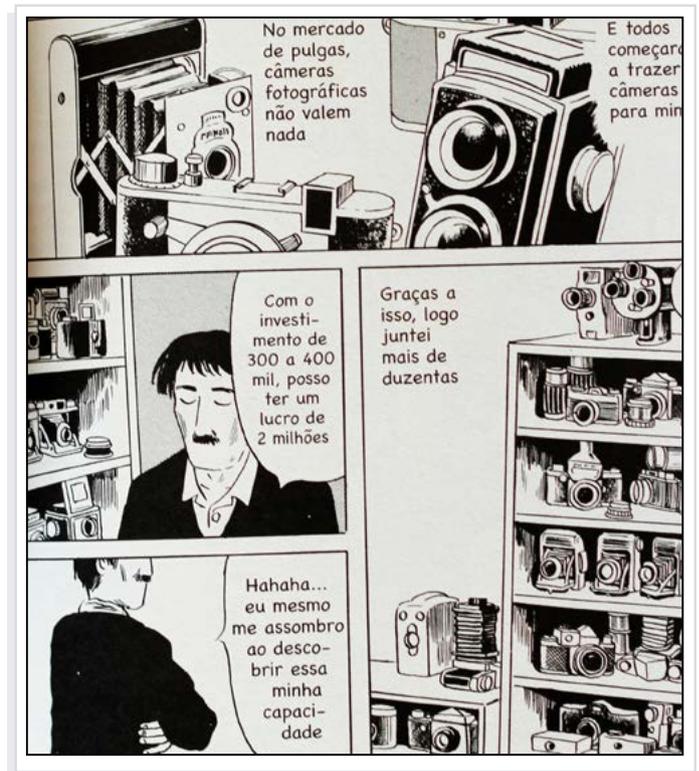
Acabei virando vendedor de pedras



Existe a correnteza em que só se consegue flutuar após desistir de si mesmo

Divórcios!

A nobre e profunda filosofia oriental é o único caminho que resta para a salvação da humanidade



No mercado de pulgas, câmeras fotográficas não valem nada

E todos começaram a trazer câmeras para mim

Com o investimento de 300 a 400 mil, posso ter um lucro de 2 milhões

Graças a isso, logo juntei mais de duzentas

Hahaha... eu mesmo me assombro ao descobrir essa minha capacidade

Imagens de O Homem sem Talento

(Yoshiharu Tsuge)

Editora Veneta

Poemas &
formas livres



Ninho das escritoras.

Um grupo para quem quer explorar sua expressão através da escrita, contando com apoio coletivo, num espaço de segurança que acolhe nossas dúvidas, incertezas e ideias. Autoras que participam desta edição:

História fantástica de como medidas humanas afastam o coronavírus

Mariana Amorim (1990-) *De menina curiosa pelas letras e pela natureza, escolheu explorar esta primeiro e se formou professora de ciências. Mas a vontade de escrever seguiu pulsando e hoje escreve como forma de ouvir o coração, dela e das outras pessoas, e de, junto com a docência, sonhar e construir outros mundos.*

23/03

Primeiro veio o isolamento social. Ele apareceu para a sociedade humana como a principal solução para combater a pandemia trazida pelo novo Coronavírus. Nem todo mundo tinha condição de ficar em casa e, mesmo para os que tinham e que de início gostaram da ideia, o isolamento com o tempo se tornou absolutamente insuportável.

Depois veio uma inovadora estratégia: se o isolamento é o caminho para não se expor ao vírus, a exposição do vírus seria o caminho para isolá-lo. Houve quem não concordasse muito com essa abordagem, mas ela era inédita e tinha seu fundamento.

Formou-se então o grande *petit comité* científico-cultural para o enfrentamento da situação: biólogos, museólogos, filósofos, historiadores, fotógrafos, designers, jornalistas, *paparazzis* e foliões de carnaval foram convocados para estudarem o vírus na sua mais profunda intimidade, para então pô-lo nu para a sociedade, expondo-o em todos os seus mais íntimos nucleotídeos e proteínas do capsídeo.

E assim foi: seu genoma foi registrado em rolos de papel higiênico, distribuídos para os cidadãos em suas casas; fotos de microscopia eletrônica do vírus foram estampadas nos maiores painéis publicitários das cidades e distribuídos na forma de adesivos e em arquivos de imagem para serem usados como fundo de tela em celulares e computadores; grupos do vírus foram confinados em pequenos compartimentos isolados e vigiados 24 horas por câmeras com

transmissão *online*, para quem quisesse acompanhar a rotina dos minúsculos; foliões criaram fantasias e organizaram blocos de rua para mostrar ao mundo como se samba na cara desses organismos; museus, escolas e praças receberam exposições com esses materiais. Então o vírus, exposto, foi visto e criticado e xingado e cuspidado por milhões de pessoas, que o constrangeram ao isolamento.

As pessoas vibraram com o espetáculo, acreditando que o vilão havia sido vencido e que elas poderiam voltar a circular, encontrar a galera e aquecer a economia. Acontece que para a natureza, tão complexa, não existe isso de vilão e mocinho. Enquanto era vilanizado, o vírus foi se adaptando ao novo contexto. Então ele voltou. E, curiosamente, as primeiras pessoas infectadas no novo surto eram aquelas mais isoladas e distantes do contato social.

A próxima estratégia de enfrentamento proposta pelo *petit comité* científico-cultural foi, claro, investir no contato social. Debruçados sobre essa nova forma de funcionamento do vírus, biólogos e psicólogos, no entanto, entenderam que sua evolução se deu no sentido de driblar a vulnerabilidade humana, que insistia em tentar eliminá-lo. E esses profissionais sabiam que, assim como manter o isolamento, sustentar o contato social se tornaria em algum momento insuportável e o vírus retornaria novamente. Mais que derrotá-lo, portanto, a saída para acompanhar sua evolução seria tornar as relações sociais toleráveis, a ponto de se manterem a longo prazo.

As novas regras ficaram, então, bem claras: esteja em contato com pessoas. Em casa ou não, encontre-as e com elas interaja. E também conecte-se com elas. Pergunte como estão. Escute-as ativamente. Exercite a empatia. Expresse suas emoções. Seja você. E assim, homens se viram obrigados a falar de seus sentimentos e a compartilhar as tarefas do lar; chefes passaram a ter de escutar seus funcionários; banqueiros tiveram de abrir mão de suas fortunas; adolescentes foram incentivados a deixar de sentir vergonha de seus corpos; mulheres precisaram intervir nas decisões nas instâncias de poder.

Como qualquer outra estratégia de enfrentamento da pandemia que colocasse a vida das pessoas em primeiro lugar, esta também levou ao desmantelamento da economia. A sociedade teve de se resignar com isso e com essa nova forma de viver em sociedade, de constante busca pelo equilíbrio emocional e pela manutenção de relações sociais harmoniosas. O vírus, por sua vez, se manteve distante mas pronto para novos retornos em caso de recaídas. Ou novas adaptações.

Corpo líquido

06/04

- Bora?
- Bora!
- No três, hein!
- Ai ai...sim, no três!
- Um, dois, três. TCHIBUM!

Antes era o frio na barriga, a antecipação do tremor da água cortante e cristalina no corpo, e o arrepio. Assim sentia o diálogo com sua irmã.

Então ela fechava os olhos e inspirava fundo e nesse momento a natureza a invadia, no perfume verde e fresco da vegetação, na brasa em forma de pedra sob seus pés, no abraço do sol decente das dez da manhã em seu corpo, convencendo-a de mergulhar pois ele ainda estaria ali para aquecê-la depois. E por mais algumas horas, como indicava o azul do céu. Três longos segundos duraram essas percepções.

E finalmente o mergulho. Um segundo? Meio segundo? Um instante dividido entre o imediatamente antes de cair na água, que é o da certeza da entrega, de que não tem mais volta. E o instante seguinte, de quando a água abraça o corpo, tão rápida, mas tão gradual. Um sobressalto envolvente que parece parar o tempo e mudar a matéria. Nesse refúgio, ela se dá conta que também é água. E se mistura. Nos movimentos submersos do corpo líquido ela flutua, se liberta, se regenera, se transforma.

O rio que a lava e leva é o mesmo que transborda quando ela emerge na superfície e ri. E esse riso ecoa, feito correnteza que anuncia a cachoeira. Ecoa na irmã, com quem desfruta esse momento, e ecoa em gargalhada de menina-mulher. O corpo que o sol agora abraça é outro.



Mergulho

Foto por Cyntia Silva.

Rio das Ostras/RJ, 2015

Poesia-vírus

Ingrid Maria (1990-) Poeta nortista, nascida em Manaus-AM, seu coração de infância. Mudou-se para o sul brasileiro em 2003. Cursou Serviço Social pela UFSC, escola para sua poesia sempre atenta às profundezas da gente.

23/03

Tenho intimidade tanta com a tristeza que às vezes ela me cutuca: “Você ainda tá viva, menina? Ainda come aquela comida com pouco sal?” Quem me dera se dentro dessa tristeza preocupada morasse a cura enfim inaugurada para o coronavírus. Ah se fosse eu, sendo vírus, entraria nos governantes criminosos e devastaria seus pulmões para que não mais respirassem o mesmo ar das pessoas de coração graúdo. Essa cura sem lucro enriqueceria a barriga das crianças e minha tristeza se tornaria primeira-dama caso eu fosse eleita poeta das sonhadoras famintas!

Um dia de Esperança

Fernanda Cerqueira (1983-) Escritora clandestina desde a infância, junta as palavras em textos para tentar entender o mundo e a si.

23/03

Foi um passinho de cada vez: lentos e curtinhos, porém firmes.
Pouco a pouco, foi se aproximando das cores, dos cheiros e das texturas.
O som já não retumbava mais como o de um martelo pesado, era melodia pura.
Sentia como se o mesmo vento que embaralhou as coisas soprasse de volta só o que importava.
Quando fechou os olhos, não mais sentiu medo: teve novamente a coragem de dormir um sonho inteiro.

Medo

Mari Pelli (1987-) Apaixonada por escrita desde sempre, se descobriu escritora recentemente, em meio ao grupo de mulheres com quem compartilha os desafios de colocar em palavras as inquietações que moram dentro da gente. Acredita tanto na importância de contarmos novas histórias para construir realidades mais justas e humanas que facilita encontros de escrita e ajuda pessoas e projetos a colocarem suas ideias pro mundo. www.maripelli.com.br

23/03

Então o medo se espalhou feito vírus.

Aos poucos, todos sentiram.

Primeiro o medo do desconhecido. Do que não entendiam.

Depois, surgiu o medo de sair de casa. Do invisível, das pequenas partículas pelo ar.

De levar umas dessas pra dentro de casa, pra dentro do corpo. Medo de abraçar.

Era muito o medo de perder. Sobretudo as pessoas queridas.

Mas logo veio o medo de que qualquer pessoa se fosse, se pudesse ser evitado.

O medo de ser a causa de uma partida precoce.

O medo fez as pessoas ficarem em casa, olharem pra si. Se atentarem a cada pequeno movimento. Pegar uma caixa de um lugar alto se tornou missão cautelosa pelo medo de virar acidente. Medo de ser um problema a mais. Medo de ser uma sobrecarga.

De tanto medo as pessoas se acalmaram. Calaram. Cuidaram.

O medo abriu um buraco tão grande que os passarinhos, macacos e golfinhos voltaram a circular para preencher o vazio deixado pelas ausências. O medo eliminou alguns ruídos.

O medo criou espaço.

O medo fez as preocupações se expandirem até chegar nas casas mais esquecidas. As pessoas mudaram radicalmente suas vidas pelo medo de alguém passar fome num lugar que nem conheciam.

O medo explodiu e foi assim que ele salvou o mundo. Foi só depois de infectar todos os corações e fazer as pazes com cada um deles que o medo foi embora.

E todos puderam voltar a andar com coragem.

Encaixe

06/04

Te coloquei entre os braços como há tempos não fazia. Pra falar a verdade, não sei se alguma vez já tinha te agarrado desse jeito, como quem se agarra a um fio de esperança.

Nunca soube caber na rigidez das tuas curvas. Te achava meio duro. Não tínhamos esse jeito fácil de encaixar um no outro que tanto falam por aí.

Mas num momento em que são poucas as coisas vivas possíveis de abraçar, você chegou suave em meu colo. Como quem convida pro meio da pista sem saber dançar te peguei pelo braço, sem jeito.

Foi quando entendi que você nunca me pediu perfeição. Só queria que eu estivesse ali, com o coração colado no seu.

Estava inundada de tristeza e foi te apertando bem forte contra o peito que o alívio chegou.

Te dei os abraços que não posso dar agora nos amigos que amo. Dançando de olhos fechados e cantarolando junto com você, quase pude sentir todos eles aqui pertinho.

Nos enchemos de vida, um ao outro. O mundo precisou quase acabar pra gente enfim se encontrar.

Esperança

Luciana de Araújo (1975-) A relação com a escrita nasceu nas Letras, inicialmente para atender às demandas acadêmicas. Aos poucos, a necessidade de usá-la como ferramenta de comunicação, de expressão de sentimentos e de opiniões cresceu e se concretizou em grupo formado por mulheres que compartilham emoções e desejos. As palavras ganham vida e contam histórias, sonhos, inquietações. Acredita na escrita como vetor de transformação e de desconstrução de padrões que afastam as pessoas de si e do mundo.

30/03

Ela acordou com o arco-íris anunciando o que viria. Os pássaros dançavam na janela. Eles já sabiam.

O ar? Tão puro! Levantou da cama. Pulmões, coração e a mente alinhados ao passo da valsa, leve e suave, que vinha de dentro.

Negação do Mundo

Elivanda de Oliveira Silva (1980 -) Filósofa e escritora cearense. Escrita e filosofia dizem muito de quem sou. Encontro nessas expressões o desejo de compreensão do mundo que me cerca e dos eventos que constituem a condição humana. É através da escrita que me rasgo para o mundo em um devir de denúncia, desejo e imaginação.

21/04

Eu não sinto vontade de me desabitar
De ir para o mundo
Uma angústia me devora
Se tudo ficou deserto
Prefiro a chama que habita em mim

Estou em chamas
O mundo está vazio
As chamas que sinto não ressoam o mundo que desejo
Fujo do mundo
Me incendeio completamente

O mundo me açoita
Mas cada chicoteada
Transformo em chama viva
Para que o sopro da vida
Seja o império do meu existir

☪

Fogo

Foto por Adriano Ebenriter.



Quando se dá leite



Maiara Knihs. *Nasceu em Brusque-SC, em 1987. É mãe, escritora, mestra em literaturas pela UFSC (2014). Atualmente pesquisa o tema do leite e da amamentação na produção artística de mulheres latino-americanas em seu doutorado em Harvard. Em 2020, lançou seu primeiro livro - ninharia - sobre a experiência da amamentação e dos desmames.*

Foto por Jorge Minella.
Cambridge/EUA, 2017.

quando se dá leite, a palavra seca um pouco.

quando a palavra seca, a gente deixa de existir pros outros um pouco.
quando a gente deixa de existir pros outros, a gente deixa de ser gente
um pouco.

entrei no rio leite como quem é carregada pela correnteza. com medo tentei resistir. queria falar, mal balbuciava o encontro com um violento esquecimento que era o do viver todas as coisas. mais eu resistia, mais carregada pela corrente. os olhos que viram o horror no meu olhar berravam do chão seguro que era preciso aguentar firme, me segurar na palavra, nadar com ela. quanto mais eu resistia ao esquecimento mais me afogava, luta vã. sem nenhuma segurança, me deixei ser carregada pelo leite. encontrei a cheia e a estiagem ao mesmo tempo. como os rios das cidades, algumas vezes olhei praquilo que nutre e fertiliza a vida como um problema sanitário. me ocultei. não se sabe o que fazer. o leite dança todo o mundo ao horror da vida.

o leite é mal visto. o leite é malquisto. o leite é mais que tudo temido.

o leite molhou meus papéis avulsos, meus diários, meus blocos de notas, meus cadernos. o leite inundou meus pensamentos, minhas palavras, minhas letras. o leite encharcou as minhas roupas, as minhas mãos, meus pés e o chão da minha casa. o leite destruiu tudo que tinha pelo caminho. o leite carregou pedra, alga, bicho morto, resíduo da indústria, lixo doméstico. o leite deixou marca nas paredes. o leite fertilizou as minhas margens. o leite me fez parar de escrever porque eu era todas coisas e todas as coisas não são escrevíveis. o leite me fez sentir o mundo que os olhos de mnemosine não deixam ver. o leite é uma aposta na cadência pra moer o conhecimento cimento dos canais. e a cadência é queda.

a cadência é queda.

a cadência é queda.

o leite é queda no de repente. mói. e é de repente que o poder caudaloso do leite vai perdendo força, vai ficando tão calmo que é possível sentir a bifurcação do leite. aí o rio leite deixa de se chamar leite e ganha dois nomes. quando o leite seca, a boca aparece: a boca guarda o saber do leite. não, não, não, o leite não é o oposto ao vinho. não há luz, lucidez, claridade que apague essa força matriz que é a da matéria viva pulsante. mamífera, mamífera, mamafera, mama, fera, má fera, monstra: eu sinto o mundo pelas tetas e quando eu digo teta eu falo boca. não, não, não. não é oca a minha boca, é cheia. não, não, não tem história nem falsa memória que apague a cheiura dessa boca.

boca cheia de água a boca cheia de ar a boca cheia de choro a boca cheia de mãe uma boca cheia de leite uma boca cheia de sons dentes boca cheia de comida cheia de riso cheia do rio. voraz. feroz. uma boca que vomita pedra, graveto de árvore, caco de vidro, químico agrícola, saco plástico, resíduo de ferro, peixe morto, folha seca, cheiro podre. olhar e ver olhar e não ver.

quando se dá leite a teta e quando digo teta eu falo boca é língua sem casa: prenha, porosa, mole, germe, carne-viva. eu sou esse corpo mole que acabou de sair da casa.

quando se dá leite o corpo deixa de caber na casca. sair da antiga carapaça é trabalho árduo, quase nascimento. é urgente criar espaço pra esse novo corpo mole, molhado, franzino. que nem bicho às vezes me finjo de morta: fico ali parada, quieta: pra não ser percebida pelo inimigo, também não sou percebida pelo amigo, morta viva. olhar e ver olhar e não ver.

vou esperando crescer a nova casca. vou construindo com partes do meu próprio corpo o osso nosso. vou encontrando palavras calcárias pra engrossar a minha pele. pele permanente que se sabe temporária. pele dura que carrega algum saber da moleira. ◀



“Amanhecer”.

Foto de Cyntia Silva.

Florianópolis/SC, 2019.

Clarissa Peixoto. (1983 -) *Clariss escreve desde que aprendeu as primeiras sílabas, aporrinhando a mãe-professora depois do trabalho. É jornalista e mestra em jornalismo. Poeta nas horas vagas, edita o blog www.clariss.blog.br*

amanhecer

a rebeldia da insônia que ultrapassa o amanhecer
relata na profundidade da olheira
o tédio da noite passada
gosto de ver o sol nascer
com os olhos acelerados

ficção

a delicada presença do sentido
tateada entre mão áspera e pele fina
a carne adocicada percorrida
pela sutileza do lábio
a silhueta da fruta amanhecida
encharcada por orvalho e suor
da noite que precede
a claridade do teu adormecer

antes da palavra

o vigor velado da palavra
é insuficiente para apagar a dor do corpo
nem mesmo uma névoa lavanda
ou mil campos imaginários
ladeados de verde, o frescor da promessa
a volúpia forjada da palavra
não pode suportar a linguagem
incrustada nas camadas de pele e vento
remoto e frio que se inscrevem
antes que a palavra seja ☾



Claudio Schuster. (1962 -) *Nasceu em Pelotas (RS), vive na capital catarinense desde 1986, onde publicou “Crime Perfeito” (publicação do autor - 1994), Risco (publicação do autor - 1997), “Bluz” (editora Blocos - 1999) e “Beba Poesia” (editora Insular - 2016), coletânea com poesias dos livros anteriores e outras novas. Os poemas publicados em Texturas são de seu novo livro, “Beba poesia volume II”, que saiu pela editora baiana Mondrongo (2019).*

*“Rio de pedras”.
Foto de Adriano Ebenriter.*

Alguns poemas

de real me disfarço
mas sou sonho
de carne e osso

—

manifesto abaixo tudo
que nos faz resto

—

o que me sobra
leite de pedra
pedra em obra

—

pelo sim
pelo não
não vou
encarar são

—

se tudo é ilusão
não me acorde
no fim da sessão

—

bebo um tango
num trago só
canto a milonga

longa caminhada
me perco de vista
me visto de estrada
sou um lugar
que nunca vou
alcançar

—

tenho esta mata
de silêncios
e animais que nem conheço
tenho um rio
que não dá pé
e um céu que nunca alcanço
tenho cá comigo
que quero ter contigo
um indecifrável universo
que não caiba num deus
mas caiba numa rede
onde adormeça
ao mais leve balanço

—

um café
e tudo parece
melhor
cafuné
com pão
no pé
da ilusão

—

diante de tanta merda
de hoje de sempre
converso aqui sozinho
com meus versos
e eles me dizem
que não se importam
em ser realistas
revolucionários
apaixonados
simbólicos
surrealistas

concretos
nem belos
precisam ser
meus versos
me dizem
nesse dia de chuva fina
sobre a terra
a as folhas
que apenas
gostariam de ter
esse cheirinho bom

—

pra não perder o encanto
utopia
pra tudo e mais um tanto
poesia ☪



Fé na incerteza

Marco Faust Ramos. (1984-) É natural de Florianópolis. Suas poesias e pensamentos têm como pano de fundo a vida na busca pelo autoconhecimento e pela possível transcendência. Dão vazão aos conflitos e contradições que surgem nessa jornada interior. Sua escrita também é uma forma de manifestar a ânsia de liberdade de uma mente por muito tempo aprisionada em seus próprios dogmas espirituais e morais. Marcos graduou-se em gestão empresarial e estuda engenharia na UFSC.

Há algum tempo atrás.. quando sabia menos e sentia mais, me disseram que eu havia encontrado a verdade. Não “alguma” verdade, mas sim “A” Verdade.

E talvez por pressentir - como acho que todos em algum momento pressentimos - que se esquivando por detrás da costumeira palavra “viver” haveria algo de transcendente enfim, quis acreditar que era mesmo “A” tal Verdade. Não a minha pessoal verdade, mas a de todos, e pobres dos todos que não a aceitassem.

Não compreendia, ao tempo, que nenhuma razão frutifica sem virtude, que não há virtude sem amor, e que amor não é cálice sólido e distante em sacrário intocável, mas substância contaminante que dissolve os negros véus das tradições, despedaça os muros dos preconceitos e elitismos e corrompe todos os escudos de arrogância.

Havia eu descoberto aquilo único digno de Fé? Não, achava que haveria de ter fé na certeza, parecia soar mais razoável, ainda que a tal certeza não fosse, na verdade, a minha.

Ai, ai, quão grandes podemos crer-nos para ter fé em algo que nos afasta do mundo da humanidade e nos põe sobre um pedestal de açúcar ornado de bandeiras?

Abençoada a vida que relampejou e choveu sobre o pedestal, para amorosa e raivosamente me arremessar lá da irônica altura da minha vaidade.

Ao sentir a Gravidade me puxando para a queda iminente, senti medo, muito medo, mas quanto me surpreendi ao descobrir que o medo não era meu, tinham-me dado-o de presente dizendo: “toma esse punhal, é para sua proteção”.

E eu aceitei-o sem pensar, naqueles tempos, para somente durante a queda inevitável dar-me conta que a dor vinha era dele, cravado em meu ventre como espada de vidro incolor.

Sem punhais e sem certezas, assim me vi estatelado no duro e verdadeiro chão, talvez sem saber como levantar ou pra onde ir.

Não sei se por teimosia ou coragem decidi seguir, mesmo sem saber pra onde.

Ah! Mas quão inusitado foi sentir que doce e única era a sensação de saber que não sabia, de desvelar a mentirosa verdade, e descobrir, por fim, aquilo mais digno de Fé nessa vida... Sim, a temida incerteza da qual nos esquivamos a todo instante.

Sim, ela! Ela que nos leva à constante renovação, a assumir a responsabilidade por cada escolha e assim arcar com os resultados de nossos próprios atos. Ela que, sem esforço, nos permite ver a nulidade de nossa existência e a possível grandeza que surge da “nadidade”.

A grandeza de nada saber e com isso tudo abarcar, de todos o mundos todas as possibilidades, de todas as mentes todas as certezas.

Caminhar pelas selvas cinzas curando o vício dos exclusivismos, ao criar laços com a antes chocante diversidade que agora acrescenta alma à vida.

E assim seguir, seguir duvidando, com fé na incerteza, a que nos permite, finalmente e de verdade, ESCOLHER.

Escolher estar em pé sobre a terra em que pisam os semelhantes, em lugar de voar com asas de Ícaro.

Parto de si

Sem aguardar resposta alguma,
um questionar-se sem palavras,
assim medito.

Como se o inalar que antecede
a inquietude fosse estendido e
prolongado a buscar a infinitude.
Nessa busca o universo se expande
e se aproxima da mirada,
semelhante aos detalhes da face
antes vista e não contemplada,
da vida vivida e não amada.

No espaço e no vazio seguem
ensurdecadores silêncios,
luzes a machucar,
espinhos que ferem.

Inquietante e inesperada a descoberta,
em meio à percepção da miséria,
o choro que corre vem da beleza
e não da tragédia. ¶



Isadora Silveira. (1997 -) *desassossego em pessoa, se encanta até hoje com o livro do desassossego de Fernando Pessoa. Ama escrever sobre as coisas que inquietam Isadora e também sobre coisas que inquietam outras pessoas. Aprendeu desde cedo que o poeta também é fingidor e isso dá a liberdade de escrever sobre todo o tipo de sentimento que pensa entender. É por isso que se encanta com a escrita. Quer saber de política, de construção, de vinho, de gastronomia, economia... e claro: de amor.*

“Banho”.

Foto de Adriano Ebenriter.

Ninho de palavras

Apanhei um punhado de palavras
Reuni todas com carinho
Pareciam dar-se bem
Habitavam um lindo ninho
Era só esperar
Devagarosa a poesia se ajeita
Até dar-se pronta pra voar
feito um passarinho
Que já nasceu sabendo cantar.

Canto menos se espera,
É tragada pelo vento...
Não soube escapar.
Triste fim!
Soubera eu conseguir lhe salvar!
O ninho vazio
Permanece à espera
de uma poesia cantante
que não chegou a amar.

Sorriso

Se me vens à mente, sorrio.
Quando estás presente, sorrio.
Eu sorrio até na tua ausência...
porque se estás longe, te alcanço
com um fio.

Fio de cobre
Fio de aço,
Forte fio!
Contigo lá ou aqui, sorrio.

Ansiedade

Esse país me deixa ansiosa
Sons insistentes carregados pelo
vento
passeiam pelo céu escuro
e me obrigam a saber:
Em algum lugar
tem outro a pensar:
Fora Bozo, aqui não é o teu lugar!

Esses sons impacientes
unem-se com panelas estridentes
brigam com as falas delinquentes
daqueles argumentos deprimentes

Minh'alma faz as sinas de um fado-
Agonia no silêncio.

Isadora:
Calma!

Desliguei meus ouvidos
tapei a televisão
Olhei para o lado
E ali estavam aquelas mãos ...
querem viver de verdade,
ser feliz sem maldade
criar lembranças pra ter saudade.

Isadora:
Alma!

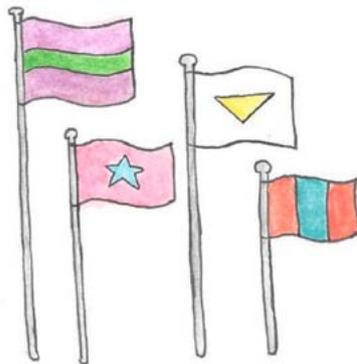
O amor é um bote salva-vidas tem
sons leves
panelas com gosto doce
voz que faz poesia
O amor merece ouvidos.

ELE NÃO. ¶

Cerejas e madeixas

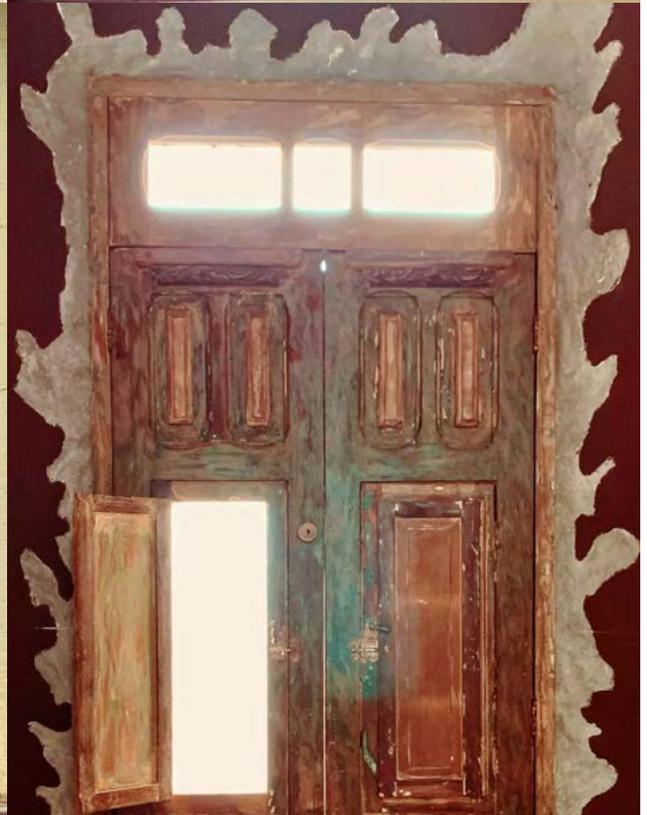
Mara Bastiani. (1960 -) nasceu em Muçum, RS, onde viveu uma infância colorida. Com o tempo, novas cidades, luzes e cores foram se colocando para “beber” das águas do sul e do norte do Brasil. Jornalista e educadora de formação e opção, a vida lhe é pródiga de família, amigos, experiências e lugares. Os poemas publicados aqui estão em seu livro **Cerejas e Madeixas** (2019. Ed. Contraponto) e nasceram nos idos de 1983 e 84, ao brincar de ler e de escrever coisas assim.

grande inimiga
esta pressa
que me apressa
e prensa
a comida
na garganta,
restos da janta
esperanças



falta

aqui
onde tudo é calma
faz falta teu olho que agita
tempestade



Aline Maciel. (1983-) é Bacharel e Mestre em Letras pela UFSC. Possui experiência em projetos culturais diversos enquanto produtora e artista (teatro, cinema, literatura, leitura, rádio e música). Atuou na **Biblioteca Barca dos Livros** como contadora de histórias, formadora e assessora de comunicação entre 2009 e 2013. Atua há dez anos como contadora de histórias e desde 2012 na **Cia Mafagafos** também como produtora e formadora. Desenvolve o projeto de formação de leitores e mediadores “**Ninho de Leitura**”. Publicou o livro sobre contação de histórias “**Cada um conta de um jeito**” (2012, 2019).

Tenho tanta coisa pra fazer dentro de casa que estar fora não seria preciso.
Mas no anseio de querer abraçar e ser abraçada, saio de mim e deixo a porta escancarada.
Quando volto, olho pra dentro e penso: que porta bem torneada, veja só essa fechadura.
Se olhasse através do olho mágico, eu saberia o que ela procura.
Coloco as cartas na mesa, estou comigo agora. É hora de fechar a porta, seguir a minha viagem.
Triste e só, peço coragem.

Pequenas canções me fazem feliz
Naquele minuto esqueço do porvir
Ouço e penso “não vou deixar a peteca cair”
E então eu seguro a minha onda
Pego jacaré, surfo na crista
Olho pro horizonte que me diz:
“Não desista!
Tem dia de chorar pitangas
Tem dia de pagar o pato
Tem dia de chutar o pau
Tem dia de chuva e tem dia de sol”
É aí que eu volto, dou um passo pra trás
Miro no alvo e... bola pra frente!
Tá tudo tão diferente
Às vezes água, às vezes vinho
Às vezes eira, às vezes beira
Não é o gongo que vai me salvar
Mas eu ponho a mão no fogo
Aumento o som e lembro:
Vai passar!

Eu tenho um coração
Que corre
Aqui dentro
Escorre
Nada no meu dentro
Pega o ar e prende
Num mergulho

De tudo o que importa
Só o importante
O escuro

Faz meu olho virar
E ver que

Eu tenho um coração
Que corre
Como o teu
Na mesma direção ◀



"Fincadas na terra".

Fotos de Cyntia Silva. Florianópolis/SC, 2018.

Dandara Manoela. (1992 -) É cantora e compositora. Sua pluralidade musical representa um símbolo de resistência das manifestações culturais afro-brasileiras e de afirmação da mulher negra e lésbica no campo artístico. Vencedora dos prêmios catarinenses de melhor cantora (2017) e melhor álbum (2018), Dandara Manoela transita pelo samba e pela MPB, trazendo à tona lutas e afetos subjetivos que encontram espaço na multidão.

Raiz Forte

Sente você mesma, agora é o que da
Lava leve folha molhada, cheiro verde novo
Traz de volta
A sujeira vai, embora nem seja agora
Raiz forte, madrugada, reinventando a morada
Medo do mundo acabar virado
Olho pro lado, folhas em dança circular
Mãos dadas é meta-fora de alcançar
Sente você mesma, é o que dá
Folha molhada, cheiro verde novo
A sujeira vai, embora nem seja agora
Raiz forte, madrugada, reinventando a morada
Medo do mundo acabar virado
Me recolho, me conecto, descansar
Dança circular das folhas
Mãos dadas é meta-fora de alcançar
Quero um abraço forte, eu quero um cheiro norte,
quero saúde sorte, pra nós.

Minha Prece

Sem ser indelicada me concentro,
me fecho e foco
Sem excluir sem esquecer
Visto a armadura e ainda assim amo leve
Me munindo de força e ação,
munição é tiro certo no alvo que quero conquistar
Sigo os caminhos sem pedir licença,
mas sem passar por cima sem pisar
E desviando de pés inocentes,
porém mortais que cercam
Com fé no que sei e no que não sei,
no que sou e no que serei,
sigo hoje forte, mais do que ontem
Minha resistência é voz
e se for preciso,
eu aprendo a ser feroz.
Protege minha calma,
é preciso ser forte pra ser, precisa ser forte
Joana receitou:
Banho de arruda, chá pra benzer,
corpo fechado, alma que ecoa,
ventania, só pra cantar, pra cantar
No balanço das águas, no olhar,
na dança dos corpos achar
A força ancestral, ancestral
De mansinho vem devagar,
Pisa firme, vem conquistar,
Solta voz e canta, canta...

Retrato Falado

Dona Preta, minha avó, resolvi cantar,
suas histórias, suas memórias, seu penar
Tantos planos, desenganos, tanta dor
Solidão, viver, crescer, sem ter amor
Ela apanhava tanto até a alma sangrar, mulher
e a menina filha, vó, debaixo da mesa, observava
o derramar
escondida, encolhida, com coberta de sangue,
tremia de medo
acompanhada da sua pouca idade, teve parte da
vida um segredo,
Tantos tapas, tantos gritos, tantas noites, tanto
dor
Até que um dia a menina filha, resolveu falar,
foi na delegacia, foi lá denunciar
e aí, te tacaram numa cela, tiraram sua roupa e
seu valor
e a menina sangrou na pele tudo que lhe restava
de amor
a prenderam a força, contra a parede, contra
moral, e do dia pra noite, a menina filha, ficou
grávida, grávida do policial
Então, foi menina de vez, mulher, chorando per-
dida entre valas e vielas,
e a cada esquina que passava, sua sanidade pin-
gava em gotas no chão
que aos poucos formavam um rio de perigo

sujando o caminho sem proteção
Perambulava sozinha, de um canto pro outro, pra
lá e pra cá
e a cidade de pau sujo, tinha coragem do seu
corpo cobiçar
Filha do crime perfeito, a criança nasceu, mãe
E a menina filha teve que entregar
não tinha como cuidar, mas é abandono, é absur-
do, transtorno
te julgaram, te cuspiram, te pisaram
e debaixo da mesa, observava o derramar
entre o hospício e o precipício foi crescendo,
em meio ao ódio e o doce rebelde viver,
sem entender a desordem de cada amanhecer
Engravidou de mim e quis abortar a missão
de mais uma geração mulher, que sofre o abuso
da solidão. ◀



Desenho de Lorenzo Panarotto

Meu campo de concentração privado

Demétrio Panarotto. (1969 -)
*Nasceu em Chapecó-SC. É um músico, compositor, pesquisador, professor e literato brasileiro. Paralelamente a uma carreira musical com a **Banda Repolho** e projetos alternativos, louvados pela sua originalidade e irreverência, desenvolve atividades como acadêmico, palestrante e escritor. Publicou vários livros de poesia e prosa que lhe valeram o reconhecimento como um dos nomes de destaque da nova literatura do estado de Santa Catarina.*

Acordo escovo os dentes tomo café da manhã
depois tomo as boletas que me mantêm um idiota aos
olhos dos demais
essas experiências se repetem diariamente
em seguida confiro as redes sociais
acho tudo uma merda sem precedentes
mas como faço parte
posto uma foto do café da manhã no facebook
ou no instagram
ou nos dois
posto comidinhas para as pessoas acreditarem que eu como coisas
naturais
depois da foto uma mensagem num box laranja

ou vermelho ou verde losna ou azul tesão
qualquer cor bem chamativa
com uma mensagem de efeito
para avisar para as pessoas que sigo vegetando
e saio pela porta do apartamento em que moro no sétimo andar
uma câmera vigia os meus passos desde que eu entro no elevador
várias câmeras me vigiam depois que saio do elevador
em reunião de condomínio o síndico falou da importância das câmeras
para nos sentirmos mais seguros
para nos sentirmos mais seguros
ouvi essa frase inúmeras vezes
para nos sentirmos mais seguros
naturalmente o valor pago no boleto foi reajustado para nos sentirmos mais seguros
do portão para fora do prédio em que moro a vigia só aumenta
quando deixo de ser visto pela câmera do meu prédio a câmera do outro me pega
e assim sucessivamente
não passo de uma imagem também para as câmeras dos moradores das redondezas a
vigia é intensa
filmam e fazem foto
depois olham se algo interessante pode ser usado contra alguém
a lógica dos dias de hoje é o refluxo das rede sociais
essa e outras
precisa-se tirar onda com alguém para garantir o sucesso virtual
e sigo colhendo os louros dessa inimizade constante
até esse momento já chequei as redes mais que uma vez
quem sabe me enviaram uma mensagem importante
é essa a paranóia
receber uma mensagem importante de alguém
um oi ou um like que seja ou um emoji
essas ferramentas que aumentam a sensação de solidão
acho que a única imunidade que adquirimos em vida
outras tantas pessoas também seguram a prótese celular conectada ao corpo
o motorista do ônibus buzina
por pouco não atropelou uma desavisada que conferia o celular
uma vovozinha simpática se descuidou do neto ao receber a cartela mimosa de
bom dia dessas cartelinhas cheia de flores ou de gatinhos ou de
o neto atravessava a rua atrás do amigo imaginário
ser atropelado nessas horas também deve ser do mundo imaginário
e a vovozinha simpática corre na direção do neto com o bordão deus existe deus existe
oh palavra rançosa essa de quatro letras

ainda mais quando acompanhada por uma de seis
e deus resolve também as fragilidades virtuais
não foram os seres humanos que viraram seus semelhantes
os seres humanos escravizaram deus a eles próprios
a conexão sem fio e sem sentimento rege os encontros
as pessoas se sentem conectadas com o mundo
sinto-me conectado também
e me desespero quando o sinal de internet cai no buraco negro de uma das ruas
acho que me desespero de novo assim que ele retorna
isso acontece quando passo por um corredor de árvores entre a casa e o trabalho
o sinal ali é sempre uma resenha
mas mesmo assim a minha reação é embrutecida
e se eu receber algo
e se alguém me enviou uma mensagem importante
e essas árvores que atrapalham o sinal
é claro que devo ter recebido algo
não deixo de pensar nisso
óbvio que ninguém enviou nada
a felicidade se reestabelece no momento em que o sinal volta a funcionar
a felicidade se desfaz quando vejo que não recebi nada
e mesmo que eu tenha ficado sem sinal
as câmeras seguem me vigiando
e eu dando informações diárias àqueles que me vigiam
das minhas coisas
dos meus atos
com quem saí ontem
com quem estou me relacionando
naquilo que acredito
por aquilo que me interessa
ofereço tudo de mão beijada e recebo mensagens que compactuam com o que penso
e me encho de uma falsidade que me conecta à falsidade dos outros
acabei de chegar ao trabalho
cumprimentei os colegas por cumprimentar
trabalhei conectado com o mundo
pensando que o mundo está conectado comigo
mandei mensagens likes emogis o dia inteiro
e já estou me dirigindo de volta para casa
nem vi o dia passar
mais um
hoje bem mais tarde que ontem
faço um outro percurso

e continuo sendo vigiado
igualzinho aos outros dias
próximo de casa tenho a impressão de que alguém me observa
[me observa no sentido físico da palavra]
acelero o meu passo
meu coração dispara
por que motivo aquela pessoa não tira os olhos de mim
sinto-me incomodado
não saberia explicar
um ar de tranquilidade toma conta de mim quando vejo o portão do prédio em que moro
outro quando escuto o portão se fechar atrás de mim
um terceiro ar de tranquilidade depois que a porta do elevador se fecha
e um quarto quando tranco a porta de casa
passo duas vezes a chave e confiro todos os cadeados
olho pelo olho mágico e olho mais uma vez
vigiado chego ao aconchego do meu lar
acho que estou salvo
sento-me no sofá e posto uma mensagem para dizer como o meu dia foi lindo
posto uma selfie com o meu cachorro
[foto de arquivo]
com o meu sanduiche vegano
curto mais algumas coisas
ligo a televisão para deixar a televisão ligada no jornal nacional
sei que mais dia ou mais tarde a minha morte será por asfixia
todos vão morrer desse modo
não há outro modo
esse é o destino de quem vive nos apartamentos de concentração
ninguém tem importância a não ser enquanto consome
enquanto consome aquilo que está na ordem da vigia
por conta do cansaço dormi no sofá da sala
com o celular carregando para não ter sombra de dúvidas que estava sendo vigiado
de madrugada fui acordado por um dos sinais do celular
o rapaz que me olhava na rua acabara de me adicionar no facebook
e eu o aceito mesmo sabendo que não vou cumprimentá-lo quando o encontrar na rua
apenas para ficar tranquilo que ele a partir de agora vai continuar me vigiando para o
meu quarto
coloco o meu pijama listrado
e por hora
talvez alguns minutos
descanso o corpo clamando pelo gás que não vem. ☹



Cláudio e Messalina

José Isaac Pilati. (1948) - Professor e Diretor do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Ocupante da Cadeira n. 14 da Academia Catarinense de Letras e da Cadeira n. 02 da Academia Catarinense de Letras Jurídicas. Autor de: "A tragédia de Mário Castelhana".

Era a boca da noite e Cláudio jantava
– taciturno.

Mastigava palavras e obras da esposa

– Messalina,

e entre goles de vinho e olhos na porta

– esperava:

– Quem romperia aquela bolha na cortina?

O centurião ou Messalina?

O assassino implacável ou a vítima (saudável)?

Bruscamente abriu-se a ponta.

Respeitosa saudação.

Messalina estava morta,

era mesmo o centurião!

– *Mais vinho*, disse Cláudio César *Imperator*.

Bebeu calado e gole a gole - para a urina,

a flor e o pólen,

o mel e o mal

– de Messalina.

Impassível, covarde, incapaz de gerir-se,

encarnara-se (em Cláudio), ali, o vazio dos tambores,

encarnara-se nele, enfim, o perfil dos governos,

o rufo dos gládios

a marcha do medo

a paz do poder. ☪

Vinho na taça

Samuel da Silva Mattos. (1948 -). *Esse catarinense de Orleans, é advogado, professor de direito, estudioso de filosofia, leitor dedicado, amante da poesia, movimenta-se no campo das questões políticas, do estado democrático de direito, dos valores da justiça social, do pensamento republicano, das ideias da democracia, da construção de uma sociedade justa, livre e solidária. Enveredar-se para o campo da literatura, publicando seus escritos, seja em prosa seja em verso, é uma forma de um agir comunicativo que passa a se inserir na concretização de uma nova agenda, do início de um novo começo.*

I

Tem o vinho na taça.
Tem queijo, tem salame.
E na mesa da massa?
Há gente que exclame.

II

Tendo o vinho na taça,
E o pensamento? Pensando.
Sem taça, vai a massa.
E vem a fome desgraçando.

III

E no turbilhão das gentes,
Das gentes representadas.
E o que dizem os agentes?
Das gentes abandonadas?

IV

Tem vinhos nas taças.
E nas taças da gente.
E há tantas desgraças,
Na massa impotente.

V

Há um mundo das taças.
E há um tempo desigual.
Há os gemidos das raças.
Clamando justiça social.

VI

E noutro lado da praça,
Não há queijo nem pão.
Não há vinho nem taça.
Só há o mundo de cão.

VII

E na praça e no morro,
Há um outro mundo possível?
Há quem pede socorro,
As vozes do mundo invisível.

VIII

E num lado assim tão oposto,
Cadê o deputado, o senador?
Do lado invisível, sem rosto,
Cadê seu agente, o vereador?

IX

E já no outro lado praça,
Lá mora o João, o Raimundo.
Outro mundo, a desgraça!
Que é do João, o sem mundo?

X

Recolham-se todas as taças!
Cadê o João? E cadê o Raimundo?
É lá, para o além das praças,
Lá é onde mora o mundo
profundo.

XI

E noutro lado da praça,
Não há queijo nem pão.
Não há vinho nem taça.
Só há o mundo de cão.

*Florianópolis,
04 de fevereiro de 2020. α*



“Rostos invisíveis”.

Foto de Cynthia Silva. Florianópolis/SC, 2017.

Morredouro

Marcelo Labes. (1984 -) O poeta e prosador blumenauense (SC) é autor de, entre outros livros, *Trapaça* (Oito e meio, 2016), *Enclave* (Patuá, 2018) e *Paraíso-Paraguay* (Caiaponte, 2019). É editor da Caiaponte Edições.

distinga-se
o que é virtude do que é veneno
o que é terreno do que é aterro

– quantos mortos sob o piso de
porcelanato sob a escória sob o
asfalto? –

delimite-se
o que é memória do que é
reescrita tardia à imperfeição

dos fatos. reescrevam-se os
fatos sob esse mar de escolhos
: não há alternativa que não

- a) se permita
- b) se justifique
- c) se confunda
- b) se desminta

/atenção para a chamada/
/os nomes separados por
ocupação/favor formar
fila/agora marchem rumo
ao seu próprio fim

: primeiro os clérigos
de deus nenhum com
suas águas benditas
; então os burgueses

com seus tostões e
moedas de ouro
; agora a soldadesca,
à frente os lambedores
de botas

revide-se todo tapa na cara
todo tiro nas costas
toda chacina

à maneira de ernesto
à maneira de carlos
eugênio paz

: com amor &
com guerrilha. ☹



“Cemitério vertical”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis/SC, 2019.



LUIZ OFARIO CORDEIRO
* 07-09-1950
† 07-07-2014
SAQUARES DA FAMILIA

Maria Madalena Vieira
* 23/07/1942
† 25/01/2019
*Positivo Lembroço de
Vossa Mãe Amada*

EST. WILSON ALVARENGA DA SILVA
* 06/11/1965
† 15/03/2019
SAQUARES DA FAMILIA

ALMEIDA
* * * * *

Colaboradores desta edição:

Fotografias

Adriano Ebenriter

(1966 -) Nascido em Porto Alegre-RS, é fotógrafo profissional com olhar sensível e atento para a natureza.

Cyntia de Oliveira e Silva

(1966 -) Brasiliense, é professora da Oficina da Palavra. Inspira-se na literatura, na fotografia, na música e nas artes em geral.

Simone Dalcin

(1970 -) Designer e permacultora, admira e fotografa as coisas miúdas do sítio onde mora.

Desenhos

Liz Bastiani Diniz

(1999 -) Nasceu em Floripa no final da primavera. Desde a infância, o traço está presente no seu imaginário, dando vida e cor aos seus personagens. Ilustrou o livro de poesias *Cerejas e Madeixas*, de Mara Bastiani. Aquarela e nanquim foram usados nas ilustrações, aproximando conteúdos e imagens.

Joana Calado

(1987 -) Natural de Coimbra, Portugal, reside atualmene na Ilha de Santa Cataina. Socióloga de formação, diverte-se, nas horas vagas, inventando garatujas e pintando poesias.

Lorenzo Panarotto

(2008 -) Natural de Florianópolis. Reside em Jaraguá do Sul. Violoncelista, desenhista nas horas vagas e gosta de uma conversa.



"Raízes 2".

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2020.



Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação para vestibulares e concursos, para o texto acadêmico ou profissional, para a escrita literária ou, simplesmente, para o prazer de escrever.

Nossa proposta

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra oferecemos cursos de escrita com algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

E-mail: cyntia@ofpalavra.com.br

Telefone: (48) 9 8481.0843

[instagram.com/oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook.com/ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

www.ofpalavra.com.br



OFICINA
da Palavra
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR